



TCC/UNICAMP
P413c
IE

João de Deus

RICARDO CHATAGNIER BORGES PEREZ

CEDOC - IE - UNICAMP

**CARACTERIZAÇÃO E EVOLUÇÃO RECENTE DO COMÉRCIO ENTRE
BRASIL E CHINA E SUAS AMEAÇAS.**

PROJETO DE MONOGRAFIA APRESENTADO
NO INSTITUTO DE ECONOMIA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
COMO REQUISITO PARA A CONCLUSÃO DA
DISCIPLINA MONOGRAFIA II.

ORIENTADOR: PROF. DR.
FERNANDO SARTI

CAMPINAS

TCC/UNICAMP
P413c
1290005304/IE

2010

Resumo

A China possui uma das economias de maior crescimento no mundo e constitui uma das experiências econômicas mais bem sucedidas do período recente. A indústria chinesa desempenhou papel importante nesse sentido e vem ganhando eficiência, competitividade e inserção crescente no mercado mundial. Nesse contexto, as relações comerciais entre China e Brasil vêm crescendo significativamente. Em 2008, o mercado chinês se firmou como o terceiro maior destino das exportações do Brasil e segunda maior fonte de suas importações. Diante desse cenário, é fato que a China vem exercendo efeitos diretos e indiretos sobre as transações internacionais brasileiras. No entanto, há de se analisar se, além dos efeitos favoráveis que trazem ao comércio brasileiro, os chineses não se configuram como uma ameaça ao Brasil.

Palavras-chave: inserção mundial, Brasil, China, exportação, importação, ameaça

Abstract

China is one of the fastest growing economies in the world and one of the most successful economic experiences of recent years. The Chinese industry has played an important role in this direction and has been gaining efficiency, competitiveness and increasing integration in world markets. In this context, trade relations between China and Brazil have been growing significantly. In 2008, the Chinese market has established itself as the third largest destination for exports from Brazil and the second largest source of imports. Given this scenario, the fact is that China has exerted direct and indirect effects on international transactions in Brazil. However, one has to consider whether, in addition to the favorable effects that bring to trade, the Chinese are not depicted as a threat to Brazil.

Keywords: integration in world, Brazil, China, exports, imports, threat.

Sumário

Índice de Tabelas e Gráficos.....	3
Introdução.....	5
1. Desenvolvimento recente da economia chinesa.....	7
1.1 Aspectos Gerais.....	7
1.2 Fluxos de comércio.....	11
2. Caracterização da Relação Comercial entre Brasil e China.....	15
2.1 Histórico da relação bilateral entre Brasil e China.....	15
2.2 Caracterização das Exportações brasileiras à China.....	19
2.3 Caracterização das Importações brasileiras da China.....	23
3. Ameaça dos produtos chineses ao mercado brasileiro.....	28
3.1 Ameaça ao mercador exportador brasileiro.....	28
3.2 Ameaça à indústria nacional.....	38
Conclusão.....	43
Referência Bibliográfica.....	45

Índice de Tabelas e Gráfico

Tabelas

1.1 – China – Dados Gerais: 2000 a 2008.....	7
1.2 - Contribuição por Componente do PIB em pontos percentuais (2000 – 2008).....	9
2.1 – Participação chinesa na corrente comercial brasileira e colocação no ranking.....	18
2.2 – Participação em % dos 6 principais produtos no total exportado do Brasil à China.....	21
2.3 – Os 10 principais produtos importados pelo Brasil com origem chinesa para os anos de 2001, 2005 e 2009.....	25
3.1 – Exportações brasileiras para regiões selecionadas – Em bilhões US\$ FOB, 2009.....	29
3.2 – Market share do Brasil e China nas importações totais da Aladi, Mercosul e Nafta – em %.....	29
3.3 – Índice de similiaridade das pautas de importação provenientes do Brasil e da China para os mercados selecionados 2001, 2005 e 2009.....	31
3.4 – Importações oriundas da China e coeficiente de penetração na indústria de transformação.....	41

Gráficos

1.1 – Evolução da participação das exportações (X), importações (M) e saldo comercial no PIB (2000 – 2008).....	8
1.2 – Evolução das exportações 1980 – 2008 em US\$ bilhões.....	12
1.3 – Participação por classificação de produto nas exportações (1980-2008).....	13
1.4 – Participação por classificação de produto nas importações (1980-2008).....	14
2.1 – Corrente Comercial – Brasil X China 1989 até 2009.....	18
2.2 – Participação na exportação brasileira por fator agregado.....	19
2.3 – Composição da pauta de exportação brasileira à China.....	20
2.4 – Evolução das importações brasileiras.....	24
2.5 – Evolução da participação nas importações de produtos eletrônicos por blocos econômicos 2002 e 2009.....	25
3.1 - Market-Share de Brasil e China nas importações de setores selecionados do Mercosul, 2001.....	33
3.2 - Market-Share de Brasil e China nas importações de setores selecionados do Mercosul, 2009.....	33
3.3 - Market-Share de Brasil e China nas importações de setores selecionados do Aladi, 2001.....	35
3.4 - Market-Share de Brasil e China nas importações de setores selecionados do Aladi, 2009.....	35
3.5 - Market-Share de Brasil e China nas importações de setores selecionados do Nafta, 2001.....	37
3.6 - Market-Share de Brasil e China nas importações de setores selecionados do Nafta, 2009.....	37
3.7 – Coeficiente de penetração total da China por setor – 1997 X 2009 (em % do consumo aparente).....	39

Introdução

A China possui uma das economias que mais crescem no mundo. Nas últimas décadas presenciamos um crescimento real do PIB chinês em torno dos 10% ao ano, taxa bastante elevada em comparação à média de muitos países. Nesse contexto, é um consenso geral de que, economicamente, a experiência chinesa foi uma das mais bem sucedidas.

A indústria chinesa teve papel relevante nesse processo de crescimento e vem se desenvolvendo de modo significativo nos últimos anos, ganhando eficiência, competitividade e inserção crescente no mercado mundial. Fatores como baixos custos, escala de produção e desvalorização cambial constituem aspectos importantes, que contribuem para que o país apresente alta competitividade internacional em diversos setores e grande visibilidade econômica no mundo.

De 2000 a 2008, a China passou de um market share, de 3,9% para 8,9%, sendo que aproximadamente 90% das exportações são compostas por produtos manufaturados. No que diz respeito às importações, a participação chinesa passou de 3,4%, em 2000, para 6,9%, em 2008, sendo que, destas, cerca de 30% correspondem a produtos primários.

Em dezembro de 2001, a China tornou-se membro integrante da OMC, embora ainda não seja reconhecida como economia de mercado por diversas economias desenvolvidas. A partir desse momento, adotou uma postura diferente da anterior, adotando medidas como redução de taxas e priorização do comércio com mercados menos tradicionais, entre eles, o Brasil, que reconheceu os chineses como economia de mercado, porém ainda não internalizou no congresso.

As relações comerciais entre China e Brasil vêm crescendo significativamente desde então. Em 2008, o mercado chinês se firmou como o terceiro maior destino das exportações brasileiras, com 8,3% do total exportado pelo país, atrás apenas dos Estados Unidos e da Argentina. Nas importações, a China alcançou a segunda posição, atrás apenas dos EUA, representando 11,6% do total importado pelo Brasil.

Diante desse cenário, é fato que a China vem exercendo efeitos diretos e indiretos sobre as transações internacionais brasileiras. No entanto, há de se analisar

se, além dos efeitos favoráveis que trazem ao comércio brasileiro, os chineses não se configuram como uma ameaça ao Brasil.

A China tem se tornado uma exportadora relevante de uma gama cada vez maior de produtos manufaturados. A ameaça que poderia daí surgir se daria em dois âmbitos: competição dos produtos chineses nos mercados de exportação brasileira e concorrência com as importações chinesas no mercado doméstico.

A entrada dos manufaturados chineses em mercados para os quais o Brasil é tradicional exportador tem levado a uma concorrência sino-brasileira nas exportações de manufaturados. Soma-se a isso a constatação de um aumento do market-share chinês para estes mercados em um ritmo superior ao brasileiro. Nesse contexto, é evidente a importância de uma análise detalhada da evolução da entrada dos produtos chineses nos mercados nacionais e nos principais mercados de destino das exportações brasileiras, a fim de verificar se a China é, ou pode se tornar, uma ameaça à indústria nacional e quais os setores mais afetados pela entrada de produtos chineses.

Este estudo busca contribuir ao tema através da caracterização da relação comercial entre Brasil e China no período recente, avaliando se a evolução desta relação pode ser considerada uma ameaça tanto aos mercados de exportação de manufaturas brasileiros quanto para a indústria nacional.

No primeiro capítulo foi efetuada uma análise do desempenho recente da economia chinesa, com ênfase em sua inserção no comércio mundial

No capítulo 2, foi elaborada uma caracterização da relação bilateral entre Brasil e China, por meio dos dados da UNCTAD e do INTRACEN.

Finalmente, no capítulo 3, foi desenvolvida uma avaliação da entrada da China nos principais mercados de exportação de manufaturas brasileiro. As fontes de dados foram novamente a UNCTAD, INTRACEN e a SECEX, e o objetivo foi o de averiguar a variação da participação da China e do Brasil nos mercados selecionados: MERCOSUL, NAFTA e ALADI exclusive MERCOSUL e México. Além da entrada de produtos chineses no mercado nacional, no qual foram utilizados dados da COMTRADE e IBGE.

1 - Desenvolvimento recente da economia chinesa

1.1 - Aspectos gerais

O aumento da inserção chinesa tanto no comércio como na indústria mundial nos últimos 25 anos tem despertado o interesse de diversos estudiosos de diferentes linhas de pensamento.

O crescimento real do PIB chinês supera os 10% ao ano no século XXI, e é um consenso geral de que, no âmbito econômico, a experiência chinesa foi uma das mais bem sucedidas. Entender o desempenho recente da economia chinesa e suas bases é elemento importante para estudarmos as influências do crescimento do comércio bilateral entre China e Brasil e suas atuais conseqüências para a indústria brasileira.

Na Tabela 1.1 observamos os principais indicadores econômicos chineses no período de 2000 a 2008:

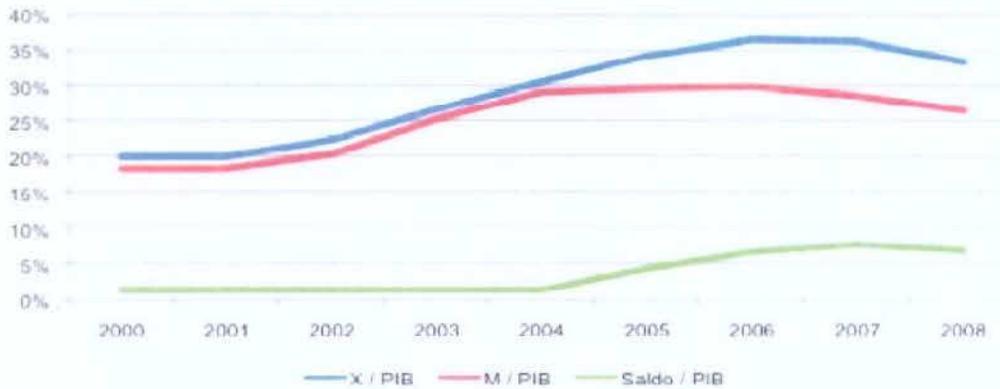
Indicadores	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
PIB (US\$ Bilhões corrente)	1.198,5	1.324,8	1.453,8	1.641,0	1.931,6	2.235,9	2.657,8	3.382,4	4.519,9
Tx. Cresc. PIB (em %)	8,4%	8,3%	9,1%	10,0%	10,1%	10,4%	11,6%	13,0%	9,6%
PIB per capita (Yuan Constante)	4.116,0	4.427,0	4.799,0	5.247,4	5.743,9	6.304,2	6.998,8	7.869,0	8.577,1
Exportações (US\$ milhões)	249.203	266.098	325.596	438.228	593.326	761.953	969.380	1.217.790	1.428.546
Importações (US\$ milhões)	225.094	243.553	295.170	412.760	561.229	659.953	791.605	955.800	1.133.086
Balança Comercial (US\$ milhões)	24.109	22.545	30.426	25.468	32.097	102.000	177.775	261.990	295.460
Entrada de IDE (US\$ milhões)	40.715	46.878	52.743	53.505	60.630	72.406	72.715	83.521	108.312
Saída de IDE (US\$ milhões)	916	6.885	2.518	2.855	5.498	12.261	21.160	22.469	52.150

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do FMI e Unctad.

A partir da análise dos indicadores como o PIB, sua taxa de crescimento e evolução per capita, constatamos um crescimento significativo da economia chinesa. Estudiosos tentam explicar este crescimento através de duas vertentes principais.

A primeira atribui este ritmo de crescimento, principalmente, à expansão das exportações. Se observadas desde o início da década, podemos verificar um crescimento superior aos outros elementos da renda, conforme ilustra o gráfico 1.1. Foram gerados elevados superávits comerciais com resto do mundo e, especialmente, com os EUA, aumentando consideravelmente os níveis das reservas chinesas, os quais são lastreados basicamente em títulos americanos.

Gráfico 1.1 - Evolução da participação da exportações (X), importações (M) e Saldo Comercial no PIB (2000-2008)



Fonte: National Bureau of Statistics of China - Elaboração Própria

Essa crescente participação das exportações chinesas em relação ao PIB nos anos recentes teria sido a base do que Palley chamou de "crescimento liderado pelas exportações".

Este padrão de crescimento teria sido desenvolvido a partir do deslocamento produtivo e de investimentos das empresas multinacionais americanas, européias e japonesas em direção à China, em busca de vantagens comparativas baseadas em seus baixos custos de mão de obra. A política econômica chinesa teria sido funcional e operada pelas grandes empresas multinacionais (Medeiros, 2010).

Existem adeptos e críticos a essa teoria de crescimento. Os favoráveis da linha liberalizante dizem este padrão de desenvolvimento deve ser mantido através do investimento em setores exportadores e de contínua abertura econômica induzida pelos compromissos juntos ao FMI, estabelecidos no seu ingresso à OMC. Dessa forma, ocorrerá um aumento das importações na área de serviços e pagamento de propriedade intelectual, o que irá reduzir consideravelmente o superávit na balança de transações correntes.

Já os críticos defendem que este processo levou a uma grande polarização social, tornou o crescimento chinês extremamente dependente do crescimento mundial, colaborou para o declínio dos salários dos trabalhadores nos EUA e, finalmente, deslocou o mercado externo de outras economias em desenvolvimento devido ao mercantilismo deste país.

A outra visão sobre as bases do crescimento da China se sustenta sobre a hipótese dos crescimentos liderados pelos investimentos, sendo o principal fator deste desempenho o investimento interno em setores intensivos em capital. Os efeitos gerados por este modelo de crescimento pode ser observado no texto abaixo, de Medeiros:

"Tal estratégia teria gerado grande concentração de renda e desaceleração no crescimento do consumo das famílias, induzindo um crescimento desproporcional da indústria pesada com grande impacto na relação capital-produto. Esta expansão, por sua vez, teria agravado a concentração da renda em função do baixo crescimento do emprego industrial. Embora esta estratégia fosse complementar e relacionada com as exportações ter-se-ia afirmado autonomamente levando a uma extraordinária taxa da formação bruta de capital fixo de cerca de 43% do PIB, um fato inédito até para as historicamente altas taxas de investimento chinesas"

Estas duas interpretações alcançam algumas proposições semelhantes por caminhos divergentes, como na colocação de que a expansão das exportações é um elemento fundamental para o crescimento recente da China. Ambas possuem esta visão, porém a divergência está no fato propulsor deste aumento. Na primeira, o aumento das exportações ocorreu devido ao IDE externo e, na segunda, devido ao investimento interno em setores estratégicos. Mas, independente da visão, as duas colocam como objetivo principal a mudança na composição da demanda através de um crescimento do consumo das famílias. Desse modo, acreditam que a China alcançaria um crescimento sustentável e equilibrado (Medeiros,2010).

Na Tabela 1.2 podemos verificar a contribuição de cada componente do PIB para o seu crescimento.

Tabela 1.2 - Contribuição por Componente do PIB em pontos percentuais (2000 - 2008)

Ano	Consumidor Final	FBKF	Exportações	Crescimento GDP - em %
2000	5,5	1,9	1,0	8,4
2001	4,1	4,2	0,0	8,3
2002	4,0	4,4	0,7	9,1
2003	3,5	6,4	0,1	10,0
2004	3,9	5,6	0,6	10,1
2005	4,0	3,9	2,5	10,4
2006	4,5	4,9	2,2	11,6
2007	5,3	5,1	2,6	13,0
2008	4,1	4,1	0,8	9,0

Fonte: National Bureau of Statistics of China - Elaboração Própria

Por meio das informações referentes ao crescimento do PIB, verificamos a grande relevância das exportações para manter o crescimento chinês acima de 10% ao ano. O consumo das famílias e o investimento também constituem importantes fontes para este desenvolvimento.

No trecho abaixo, Medeiros explicita sobre a questão da relevância das exportações para o crescimento da China:

“Embora não seja trivial isolar uma medida que identifique precisamente um regime de crescimento, é inquestionável que um crescimento liderado pelas exportações tem na variação destas o fator determinante para a variação do PIB; por outro lado, quando o componente importado das exportações é muito elevado, como ocorre nas plataformas chinesas de processamento de exportações, dificilmente estas, independentemente do seu tamanho em relação ao PIB, podem arrastar o crescimento do PIB.”

Assim, o que podemos verificar no que diz respeito ao crescimento recente da economia chinesa é uma relativa autonomia do PIB, uma vez que a volatilidade das exportações demonstrou-se muito superior ao crescimento do PIB.

Conforme Anderson 2007, um fato que evidencia esta autonomia é a queda na demanda por produtos de Tecnologia da Informação em 2001, o que afetou negativamente as exportações dos países Asiáticos e o crescimento de economias como Hong Kong, Tailândia, entre outras. Apesar disso, a China manteve seu desempenho econômico, alcançando neste ano taxas de crescimento de cerca de 8,3%, em relação ao ano anterior.

Outro aspecto que demonstra esta autonomia é o crescimento de 8,7% da economia chinesa no ano de 2009, marcado pelos impactos da crise financeira mundial iniciada no segundo semestre de 2008. A grande maioria dos países apresentou retrações em suas economias e redução no seu fluxo de comércio mundial. A China, porém, a partir de um elevado programa de gastos públicos, centrado em investimentos em infra-estrutura, conseguiu garantir um desempenho mais que satisfatório para sua economia.

Este ciclo de expansão interna que a China vem sofrendo não causa apenas melhorias ao país, mas também contradições internas.

Conforme dados do *Chinas National Bureau of Statics*, todos os anos, cerca de 10 milhões de pessoas migram dos campos para as cidades. Nesse contexto, parcela considerável do investimento chinês está relacionada a este movimento de migração

interna. Este cenário causa duas principais contradições estruturais.

A primeira consiste no aquecimento acelerado da demanda por energia decorrente da expansão da capacidade produtiva das indústrias pesadas, a sua matriz energética é composta 70% por usinas movidas a carvão, A segunda corresponde ao baixo crescimento do emprego urbano e a crescente da desigualdade que vem sendo verificada.

Podemos, com base nessas questões, verificar o principal desafio da economia chinesa no trecho retirado do texto de Medeiros:

“A questão fundamental estabelecida no Plano é a absorção do excedente rural de mão de obra e a redução da divergência entre a renda rural e urbana. Para tanto, a inclusão massiva da população rural nos sistemas públicos de saúde e educação constitui um desafio essencial. A outra dimensão priorizada é a interiorização do desenvolvimento através da difusão de pólos de desenvolvimento e expansão da infra-estrutura.”

1.2 – Fluxos de comércio

A reforma econômica e a abertura comercial chinesa tiveram início em 1978, com o então primeiro ministro, Deng Xiaopong. O plano revolucionário por ele lançado foi capaz de, em poucos anos, alterar a posição chinesa, colocando-a na vanguarda dos países emergentes e, posteriormente, em condições de disputar a hegemonia mundial com os países desenvolvidos.

No cenário externo, Deng Xiaopong adotou medidas como a abertura aos investimentos estrangeiros e o incentivo ao comércio mundial, visando a geração de empregos e superávits na balança comercial. Em um primeiro momento, as exportações chegaram a ser isentadas de qualquer imposto, assim como as importações de equipamentos e matérias primas destinados à produção para exportação. Concomitante com estas medidas, foram disponibilizadas diversas linhas de financiamentos e criadas zonas econômicas especiais.

Tais políticas obtiveram sucesso e a China aumentou significativamente sua presença no mercado internacional, no período de 1979 a 2008 (Gráfico 1.2), com uma média anual de crescimento de aproximadamente 16% nas exportações e de 15% nas importações.

Em 2008 o país alcançou a posições de destaque no cenário mundial. Tornou-se o segundo maior exportador do mundo, atrás apenas da Alemanha, e terceiro maior importador, atrás da Alemanha e dos EUA. Atingiu também a posição de país com o maior superávit na balança comercial.



Fonte: National Bureau of Statistics of China - Elaboração Própria

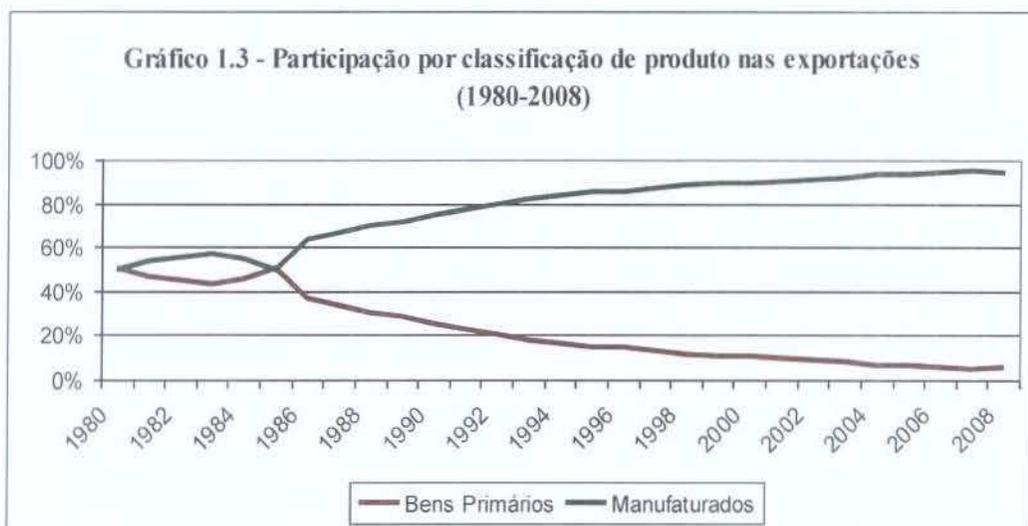
Outro ponto que deve ser ressaltado em relação à inserção chinesa no mercado mundial refere-se às alterações nas pautas dos tipos de produtos importados e exportados.

De 1980 a 1985 verificamos um equilíbrio entre as exportações de bens primários em relação aos bens manufaturados. Porém, a partir de 1986, o peso dos manufaturados na pauta de exportação começou a aumentar e essa tendência dura até os dias de hoje, conforme o Gráfico 1.3.

Praticamente metade das exportações chinesas são realizadas por empresas multinacionais instaladas no país, que se aproveitam de diversos fatores para participarem intensivamente do programa chinês de exportação. Entre esses fatores, temos as vantagens já conhecidas como a mão de obra e matérias-primas baratas e um grande leque de incentivos, tais como baixos impostos e desvalorização do câmbio.

Deste modo, a China alcançou a liderança mundial em diversos produtos, causando ameaças a diversos produtores locais em seu mercado doméstico e na

competição por mercados de terceiros nas exportações.

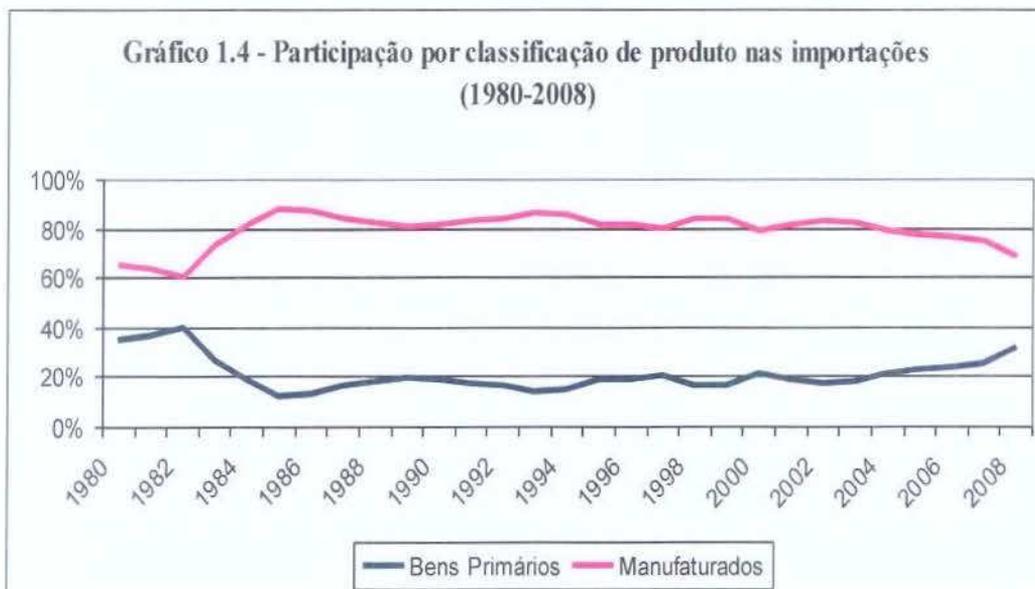


Fonte: National Bureau of Statistics of China - Elaboração Própria

Em relação às importações, podemos verificar que estas são mais equilibradas entre bens primários e manufaturados. A partir de 2000, porém, a importação de bens primários vem ganhando espaço, chegando a representar 32% das importações totais da China, em 2008 (Gráfico 1.4).

Este fato ocorre principalmente devido à limitação chinesa em relação à quantidade de terras aráveis, ao fornecimento de água, além do rápido processo de urbanização, que levou a um aumento nos salários, impulsionando o país como um forte importador de comidas e matéria-prima (Baumann, 2009).

Nesse cenário, oportunidades comerciais foram associadas a um mercado consumidor potencial de 1,3 bilhão de pessoas, e as economias em desenvolvimento, principalmente as exportadoras de commodities, foram beneficiadas por volumes e preços até então inéditos.



Fonte: National Bureau of Statistics of China - Elaboração Própria

Através dos dados e análises realizadas, fica claro que o aprofundamento da integração da China aos fluxos internacionais de comércio e de capitais está intimamente relacionado à sua progressiva transição para uma economia de mercado, acompanhada por um processo de crescimento excepcional do país. (Machado e Ferraz, 2005).

2 - Caracterização da Relação Comercial entre Brasil e China

2.1 - Histórico da relação bilateral entre Brasil e China

O primeiro contato comercial registrado entre Brasil e China ocorreu ainda no início do século XIX quando o Imperador brasileiro trouxe trabalhadores chineses para desenvolver o plantio de chá em uma região próxima ao Rio de Janeiro. Após isso, já no final do século XIX, o governo do Brasil, através de contatos governamentais, tentou trazer mão-de-obra chinesa para atender a nossa demanda por força de trabalho. Porém, este projeto não obteve o sucesso esperado devido ao veto do governo Chinês que alegava não possuir conhecimento de como se daria a relação do Brasil com a mão-de-obra imigrante, e acreditar que a relação viesse a se equiparar com a escrava conforme coloca Edmundo Sussumu Fujita:

" Em realidade, as relações formais entre os dois países datam do século XIX, quando uma missão especial, integrada pelo ministro plenipotenciário Eduardo Calado, almirante Arthur Silveira da Mota (Barão de Jaceguay) e secretário Henrique Carlos Ribeiro, firmou, em 5 de setembro de 1880, um Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, em Tientsin, posteriormente substituído por novo acordo datado de 3 de outubro de 1881. Entretanto o objetivo maior da iniciativa, que era promover a imigração chinesa ao Brasil, não teve maiores desdobramentos, em vista a conjuntura política e econômica internacional a época."

As relações comerciais sino-brasileiras se mantiveram basicamente na diplomacia até 1949 quando o governo chinês fundou a República Popular da China (China Continental) e o Brasil rompeu de vez as relações com este país. Este completo afastamento é explicado pelo contexto internacional de guerra fria vivenciado na época. o Brasil era aliado aos Estados Unidos, a super-potencia líder do bloco capitalista, desta forma não poderia manter relações com um país que teve as relações com os EUA interrompidas com a Revolução chinesa de 49. Durante o período de 1952 até 1974 o Brasil reconhecia apenas a China Nacionalista (Taiwan) como autoridade legal da China.

No ano de 1974 o presidente brasileiro Ernesto Geisel reata as relações diplomáticas entre Brasil e China por interesse de ambos os países . A China necessitava acabar com o isolamento e se aproximar do ocidente, enquanto o Brasil precisava reagir à crise do petróleo de 1973, que levou os países desenvolvidos a um processo de recessão e os países em desenvolvimento a repensar as suas inserções internacionais. Nas palavras de Patricia Dick podemos verificar a aproximação:

"Ambos países buscavam um lugar próprio no sistema internacional e, para tanto, fez-se necessário ampliar e aprofundar contatos, interlocução política e expandir mercados".

Além disso, o aumento da proximidade entre esses dois países foi estimulado devido as similaridades do novo projeto de inserção internacional, apesar do papel divergente de cada país na política internacional e nas diferentes ideologias ambos estavam interessados em uma relação mais intensa e afinada entre os países do Terceiro Mundo. O Brasil buscava se fortalecer nos diálogos Norte-Sul através do estreitamento das relações Sul-Sul e diminuição da dependência dos países desenvolvidos. Já a China era o país socialista do Terceiro Mundo, com maior autonomia por não pertencer aos grupos terceiro-mundistas e ter relativa independência às superpotências. Assim se configurou como parceiro interessante ao governo brasileiro, uma vez que estava disposta a defender as reivindicações dos menos desenvolvidos e possuía os mesmos ideais em diversos aspectos como armamento nuclear, direito do mar, questões ambientais, direitos humanos, entre outros.

Desde então as relações diplomáticas sino-brasileiras caminharam de forma progressiva e cautelosa, com restrição ao aprofundamento mais intenso devido à conjuntura internacional e ao cenário interno de cada país. Por parte da China o fim da Revolução Cultural em 1976 e as reformas estruturais modernizadoras, que proporcionaram maior abertura de sua economia, ajudaram para o aumento das relações entre os dois países. No Brasil os movimentos que cooperaram com a aproximação do governo chinês e brasileiro foram o restabelecimento da democracia nos anos 80 e o processo de abertura econômica impulsionado pela globalização. No âmbito mundial, o fim da Guerra Fria também ajudou neste movimento. A soma de todos esses fatores permitiu a concretização, no início da década de 1990, da parceria estratégica, que garantiu um crescimento mais intenso das trocas entre Brasil e China.

Após o fim da Guerra Fria o Brasil buscou aprofundar suas relações com países potenciais como, Índia, Rússia, África do Sul e China, sendo este último definido como prioridade na diplomacia brasileira. Nas palavras de Patricia Dick:

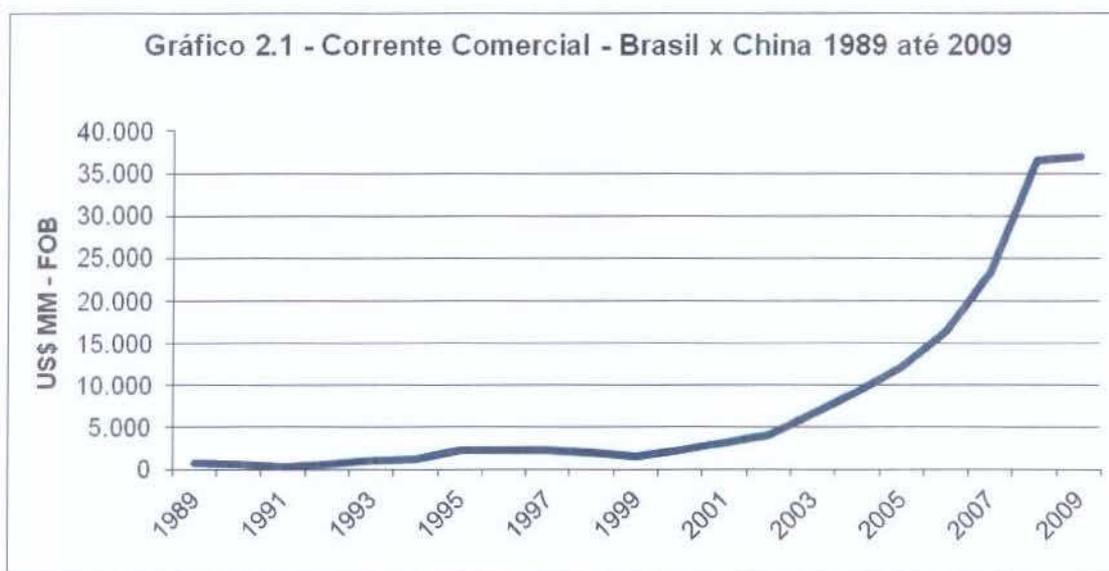
" A condição de importante parceiro político (com posições similares nos fóruns multilaterais), parceiro econômico (como forte mercado consumidor, fornecedor e parceiro de investimentos), parceiro na cooperação científico-tecnológica, e a condição partilhada de países em desenvolvimento que buscam por maior engajamento no sistema e pela superação dos constrangimentos nele existentes, corroborou o posicionamento do governo brasileiro e promoveu um novo encontro dos países"

A partir de 1995, a junção de fatores como a percepção mais favorável em relação ao cenário externo pelo governo brasileiro, o crescimento da América Latina com a abertura comercial, a estabilidade econômica, o interesse renovado do Brasil, a implantação bem sucedida da Organização Mundial do Comércio (OMC) na rodada do Uruguai, entre outros, permitiram a criação de uma expectativa de longo período de crescimento para o Brasil, sendo dois principais pilares; a melhoria da percepção externa em relação ao país que deveria ser garantida através de uma maior estabilidade macroeconômica e a transformação qualitativa da sociedade (CARDOSO, 1995)

Em dezembro de 2001 a China se tornou membro integrante da OMC (Organização Mundial do Comércio) e a partir de então iniciou um processo de redução de taxas e a priorizar ainda mais os mercados menos tradicionais, tornando-se rapidamente o principal parceiro comercial do Brasil na Ásia. Na última década o comércio entre a China e a América Latina cresceu cerca de dez vezes, entretanto é evidente que a China é muito mais significativa para essa região do que o contrário. O Brasil como o principal exportador da região à China ocupa apenas a 14ª posição no rank dos fornecedores estrangeiros deste país e nenhum outro país encontra-se dentre os 20 maiores fornecedores. A América Latina é destino de apenas 3% das exportações chinesas e fornecedor de 3,8% das suas importações. (Baumann, 2009)

O gráfico 2.1 evidencia a intensificação da relação comercial entre Brasil e China a partir dos anos 90, passando de um volume comercial de US\$ 756 milhões em 1989 para mais de US\$ 35 bilhões em 2009. Além disso, podemos verificar a relevância para as relações comerciais entre esses dois países com a entrada da China na OMC (Organização Mundial do Comércio) em 2001. A partir deste ano o

crescimento da corrente comercial entre esses países se tornou muito mais forte, com uma taxa média de crescimento anual de aproximadamente 37%, com destaque para os anos de 2003 e 2008 que obtiveram crescimento de 64% e 56% em relação aos anos anteriores respectivamente.



Fonte: Secex – Elaboração própria

Esse aumento do fluxo do comércio sino-brasileiro tornou a China um dos principais parceiros comerciais do Brasil, na tabela 2.1 identificamos o aumento da participação chinesa na corrente comercial total do Brasil e a sua colocação no ranking de parceiros brasileiros. Em 20 anos a China passou da vigésima segunda colocação no ranking de parceiros comerciais do Brasil, com 1,1% de participação na corrente comercial, para a primeira colocação com a participação de 13,2%.

Tabela 2.1 - Participação chinesa na corrente comercial brasileira e colocação no ranking

Ano	Participação chinesa na corrente comercial brasileira	Colocação no ranking de parceiros brasileiro
1990	1,1%	22º
1995	2,3%	11º
2000	2,1%	11º
2005	6,3%	3º
2009	13,2%	1º

Fonte: SECEX - Elaboração própria

A balança comercial entre esses dois países favorece o Brasil na grande maioria dos anos durante o período de 1988 e 2009, em 15 anos a balança comercial brasileira foi superavitária em relação a China. Nos anos recentes, entretanto, a situação está se invertendo e devido a alguns fatores a China alcançou um valor de exportação ao Brasil superior do que as suas importações, como constatamos em 2007 e 2008. (Baumann, 2009)

2.2 - Caracterização das Exportações brasileiras à China

A pauta de exportação brasileira durante o período 1991 até 2009 obteve uma dominância dos produtos manufaturados em praticamente todos os anos, sendo o piso em 2009, único ano em que estes produtos tiveram participação inferior aos básicos com 42,5%, e o teto em 1993 quando os manufaturados corresponderam por 60,2% da pauta de exportação brasileira. Podemos observar uma tendência à alteração deste quadro, os produtos básicos vêm ganhando espaço nas exportações do Brasil passando de uma participação de 24% em 1992 para 42,7% em 2009. Podemos verificar esta tendência no gráfico 2.2:



Fonte: Secex – Elaboração própria

Assim como o verificado para todas as exportações brasileiras, as vendas de mercadorias do Brasil à China vêm se concentrando cada vez mais em produtos básicos. Porém, enquanto a participação de produtos básicos na pauta de exportação

brasileira geral ultrapassou os manufaturados apenas no ano de 2009, no comércio com a China o processo de concentração das exportações em produtos básicos é muito mais intenso. Em 1990 apenas 20% da pauta de exportação do Brasil para a China era composta por produtos básicos, já em 2009 78% da pauta foi composta por estes produtos, sendo os outros 22% compostos por produtos semimanufaturados e manufaturados. Podemos verificar essa tendência à concentração da pauta brasileira de exportação para os chineses no gráfico 2.3:



Fonte: SECEX – Elaboração própria

Renato Baumann, em um dos seus textos explicita um dos motivos que levou a esta tendência de concentração das exportações brasileiras em produtos básicos, e o motivo da provável manutenção desta tendência nos próximos anos:

"Com uma limitada quantidade de terra cultivável, oferta insuficiente de água e passando por um processo acelerado de urbanização com aumento nos salários, é provável que China se mantenha como um importador líquido de alimentos e matérias-primas. Isto é, em si, uma boa notícia aos brasileiros e exportadores latino americanos como um todo. O crescimento chinês - mesmo que um ritmo inferior ao verificado nos últimos anos - deve se manter como uma fonte de demanda de materiais-primas, em particular minérios de ferro."

Outros produtos que devem obter destaque na pauta de importação chinesa durante um longo período são o petróleo e o carvão. Com um suprimento de energia dependente 22% e 70%, respectivamente, destes dois insumos, a China se tornou grande importadora de petróleo, importando cerca de 50% do seu consumo no período recente. Podemos verificar como nova estratégia adotada pelas empresas

estatais de petróleo deste país, CPCP – China national Petroleum Corporation, China Petroleum & Chemical Corporation e China National Offshore Oil Corporation, a busca por fornecedores externos visando a ampliação de suas reservas, uma vez que o aumento da demanda energética não deve diminuir em um curto espaço de tempo.

Detalhando os produtos exportados do Brasil para a China podemos observar que no período de 2000 até 2009 cerca de 70% em média das exportações, se considerarmos a participação dos produtos por valor no total exportado para os chineses, concentraram-se em 6 produtos. Dentre estes destacamos a participação do minério de ferro, que somando os aglomerados, não aglomerados e seus concentrados, chegam a uma participação de 34,7% em 2009 e a soja, que somando o grão triturado e o seu óleo, chega a deter 37,6% da pauta de exportação do Brasil à China em 2004. Podemos observar a evolução da participação dos 6 principais produtos exportados aos chineses em 2009 durante o período de 10 anos na tabela 2.2:

Tabela 2.2 - Participação em % dos 6 principais produtos no total exportados do Brasil à China

Produtos	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
MINÉRIOS DE FERRO NÃO AGLOMERADOS E SEUS CONCENTRADOS	31,5	25,1	29,0	25,5	18,2	14,4	11,5	16,5	17,9	16,2
OUTROS GRÃOS DE SOJA, MESMO TRITURADOS	31,4	32,5	26,4	28,9	25,1	29,8	29,0	32,8	28,3	31,1
ÓLEOS BRUTOS DE PETRÓLEO	6,6	10,4	7,8	10,0	7,9	3,9	0,5	0,0	2,1	3,3
PASTA QUÍM. MADEIRA DE N/CONIFA SODA/SULFATO SEMI/BRANCO	4,4	3,8	3,8	4,1	3,4	4,8	5,7	4,3	6,4	5,0
MINÉRIOS DE FERRO AGLOMERADOS E SEUS CONCENTRADOS	3,3	4,7	5,5	4,1	7,9	6,1	5,4	7,2	7,5	8,8
ÓLEO DE SOJA, EM BRUTO, MESMO DEGOMADO	2,0	5,0	2,9	1,4	2,1	7,8	5,7	4,7	0,1	1,6
TOTAL	79,2	81,4	75,2	74,0	64,6	66,6	57,7	65,4	62,3	66,0

Fónte: Secex. - Elaboração Própria

Como anteriormente, essa tabela também evidencia a concentração das exportações brasileiras à China em produtos básicos. Os três principais produtos da tabela 2.2, minério de ferro não aglomerados e seus concentrados, outros grãos de soja mesmo triturados e óleos brutos de petróleo são produtos básicos, sendo que os dois primeiros chegam a alcançar, cada um, participação superior a 30% na pauta de exportação. Nessa lista não há produtos manufaturados, apenas a pasta química de madeira e o óleo de soja são produtos semimanufaturados, ou seja, com alguma transformação porém sem um alto valor agregado ou alto nível de tecnologia.

Em relação ao montante exportado para a China em US\$ FOB desses produtos notamos que os dois principais, minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados e outros grãos de soja, mesmo triturados, possuem crescimento em relação ao ano anterior durante todo o período analisado, sendo que o primeiro aumentou o montante exportado em aproximadamente 36 vezes se compararmos o ano de 2000 com 2009. Outro produto com destaque no aumento das exportações é óleo bruto de petróleo que passou de um montante de US\$ 36 milhões FOB em 2000 para US\$ 1,3 bilhão FOB em 2009, aumento de 37 vezes. Outro ponto a destacar é que apenas o minério de ferro aglomerado obteve, durante o período analisado, crescimento inferior a 15%.

A China, segundo dados da IISI (International Iron and Steel Institute), é a maior produtora mundial de minério de ferro com cerca de 34%, entretanto, este país importa cerca de 50% do seu consumo interno, já que também é o maior consumidor mundial com aproximadamente 60%, dados de 2008. Após a China, os principais produtores mundiais são a Austrália e o Brasil. Estes países exportam 88% e 81% de toda a sua produção nacional respectivamente. Das exportações brasileiras deste produto 56,4% do volume destinaram-se aos chineses em 2009 conforme dados da Secex. O minério de ferro produzido na China é de qualidade limitada para uso na siderurgia, possui em média apenas 28% de minério enquanto o produto brasileiro possui cerca de 66% de ferro puro, um dos motivos que garante a competitividade internacional do produto nacional.

Analisando o mercado internacional de soja, segundo principal produto exportado do Brasil para a China em 2009, podemos verificar que, diferentemente do minério de ferro, os chineses não possuem participação expressiva na produção mundial deste produto, sendo os principais atores da produção mundial os Estados Unidos, Brasil e Argentina, juntos detêm cerca de 80% de toda produção. No consumo mundial a China continua com papel de destaque. Este país importa cerca de 70% do seu consumo interno de aproximadamente 60 milhões de toneladas. Da exportação brasileira de grãos de soja, 55,8% destinou-se à China conforme dados da Secex.

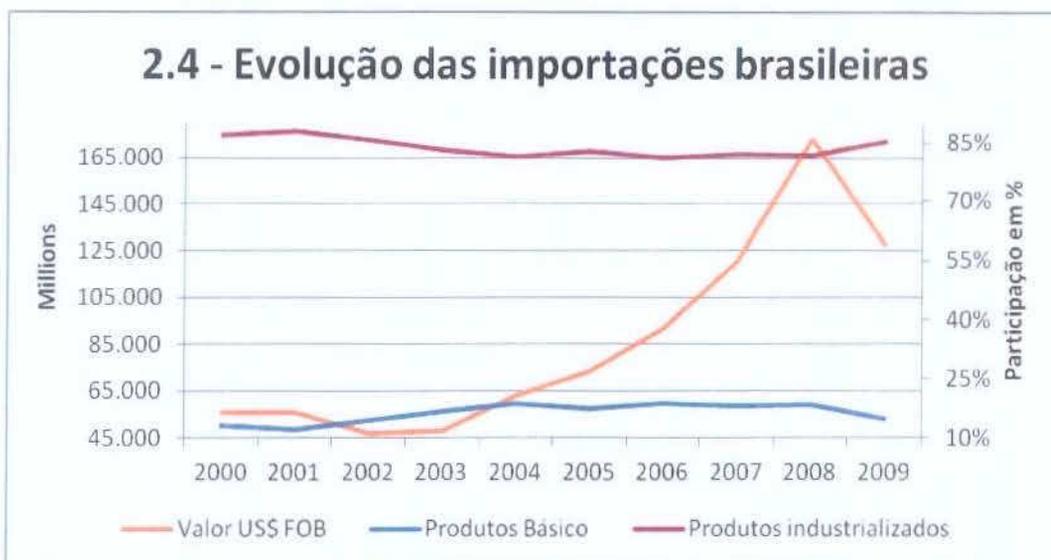
Para alguns outros produtos com valores exportados menos expressivos que os verificados na tabela 2.2 a exportação brasileira chega a corresponder a mais de 55%

do consumo interno chinês, como nos casos de suco de laranja, 84%, granito, 65% e tabaco não processado, 58%. (Baumann, 2009).

2.3 - Caracterização das Importações Brasileiras da China

As importações brasileiras tiveram crescimento em quase todo no período de 2000 até 2010, com retração em relação ao ano anterior apenas nos anos de 2001, 2002 e 2009. Nos dois primeiros anos citados podemos verificar que a queda nas importações brasileiras foram motivadas pela crises mundias do período, como exemplo podemos citar a Crise da Argentina (2001), a Crise de 11 de setembro (2001) e a Crise Eleitoral nacional (2002). Em 2009, a retração das importações está relacionada a crise financeira mundial iniciada no segundo semestre de 2008, que acarretou em retração da economia mundial como um todo.

Em relação a pauta de importação brasileira podemos verificar que, ao contrário do que verificamos nas exportações, elas se concentra em produtos industrializados e principalmente em manufaturados, sendo que este tipo de produto chegou a alcançar 84,4% do total da pauta em 2001. Os produtos básicos, ganhando destaque nas exportações principalmente nos anos atuais, possuem participação máxima de 18,8% nas importações brasileiras durante o período analisado. No gráfico 2.4 constatamos a evolução do montante das importações em US\$ FOB, no qual fica explicito as crises citadas acima, e a composição da pauta de importação brasileira.



Fonte: Secex – Elaboração Própria

As importações brasileiras de produtos chineses não sofreram tanto com as crises citadas acima como as importações totais. Analisando o mesmo período, as importações oriundas da China obtiveram retração em relação ao ano anterior apenas em 2009, cerca de 21%, porém em 2001 e 2002 tiveram crescimento de 8,7% e 17% respectivamente, se considerarmos o período de 10 anos o aumento das importações foi superior a 12 vezes, conforme dados da Secex.

Em relação a composição da pauta de importação brasileira com a China vemos que a mesma segue a tendência nacional, ou seja, há uma predominância de produtos industrializados, com enfoque em produtos manufaturados. Analisando os 10 principais produtos importados pelo Brasil com origem chinesa no período de 2000 até 2009, ano a ano, podemos verificar que trata-se de um mercado pouco concentrado, a soma da participação desses produtos chegam a corresponder no máximo a 30% da pauta de importação.

Outra característica identificada é a variação nos principais produtos importados pelo Brasil deste país. Durante o período analisado não ocorre em nenhum ano a repetição do principal bem importado, sendo que se considerarmos os 10 principais produtos importados em 2009 da China, 5 destes não estão nem presente na pauta de importação de 2005 entre os principais produtos. No quadro 2.1 estão destacados os 10 principais produtos importado pelo Brasil com origem chinesa para os anos de 2001, 2005 e 2009 e as suas participações no total de importações brasileiras da china para cada ano selecionado.

2.3 - Os 10 principais produtos importados pelo Brasil com origem chinesa para os anos de 2001, 2005 e 2009.

2009		2005		2001	
Descrição	Participação %	Descrição	Participação %	Descrição	Participação %
OUTS PARTES P/APARELHOS RECEPT RADIODIF. TELEVISAO.E TC	3,0	OUTRAS PARTES P/APARELHOS TRANSMISSORES RECEPTORES	7,4	COQUES DE HULHA,DE LINHITA OU DE TURFA	5,9
DISPOSITIVOS DE CRISTAIS LIQUIDOS (LCD)	2,7	DISPOSITIVOS DE CRISTAIS LIQUIDOS (LCD)	4,8	LAMPADAS TUBOS DESCARGA,FLUORESCENTE,DE CATODO QUENTE	5,2
OUTS PARTS.P/APARS D/TELEFONIA/TELEGRAFIA	2,6	COQUES DE HULHA,DE LINHITA OU DE TURFA	3,1	OUTS PARTES P/APARELHOS RECEPT RADIODIF. TELEVISAO.E TC	3,0
TELA P/MICROCOMPUTADORES PORTATEIS,POLICROMATICA	1,5	OUTROS APARELHOS VIDEOFONICOS DE GRAVACAO.REPRODUCAO	2,3	OUTRAS HULHAS,MESMO EM PO,MAS NAO AGLOMERADAS	1,9
OUTROS CIRCUITOS INTEGRADOS	1,2	TERMINAIS PORTATEIS DE TELEFONIA CELULAR	1,9	HULHA ANTRACITA,NAO AGLOMERADA	1,4
GLIFOSATO E SEU SAL DE MONOISOPROPILAMINA	1,1	OUTS PARTES P/APARELHOS RECEPT RADIODIF. TELEVISAO.ET C.	1,7	DISPOSITIVOS DE CRISTAIS LIQUIDOS (LCD)	1,3
TERMINAIS PORTATEIS DE TELEFONIA CELULAR	1,1	TECIDO DE FILAM.POLIESTER TEXTUR>=85%,TINTOS,S,BORRACHA	1,4	MECANISMOS TOCA-DISCOS,MESMO C/CAMBIADOR,P/APARS REPROD	1,1
MICROPROCESSADORES MONT P/SUPERF (SMD)	1,1	CIRCUITO IMPRESSO	1,3	GUINDASTES DE PORTICO	1,0
CIRCUITO IMPRESSO	1,0	OUTROS ACUMULADORES ELETRICOS	1,1	GLIFOSATO E SEU SAL DE MONOISOPROPILAMINA	0,9
OUTROS ACUMULADORES ELETRICOS	1,0	MECANISMOS TOCA-DISCOS,MESMO C/CAMBIADOR,P/APARS REPROD	1,1	OUTROS BRINQUEDOS	0,9
Total da participação	16,1		26,0		22,5

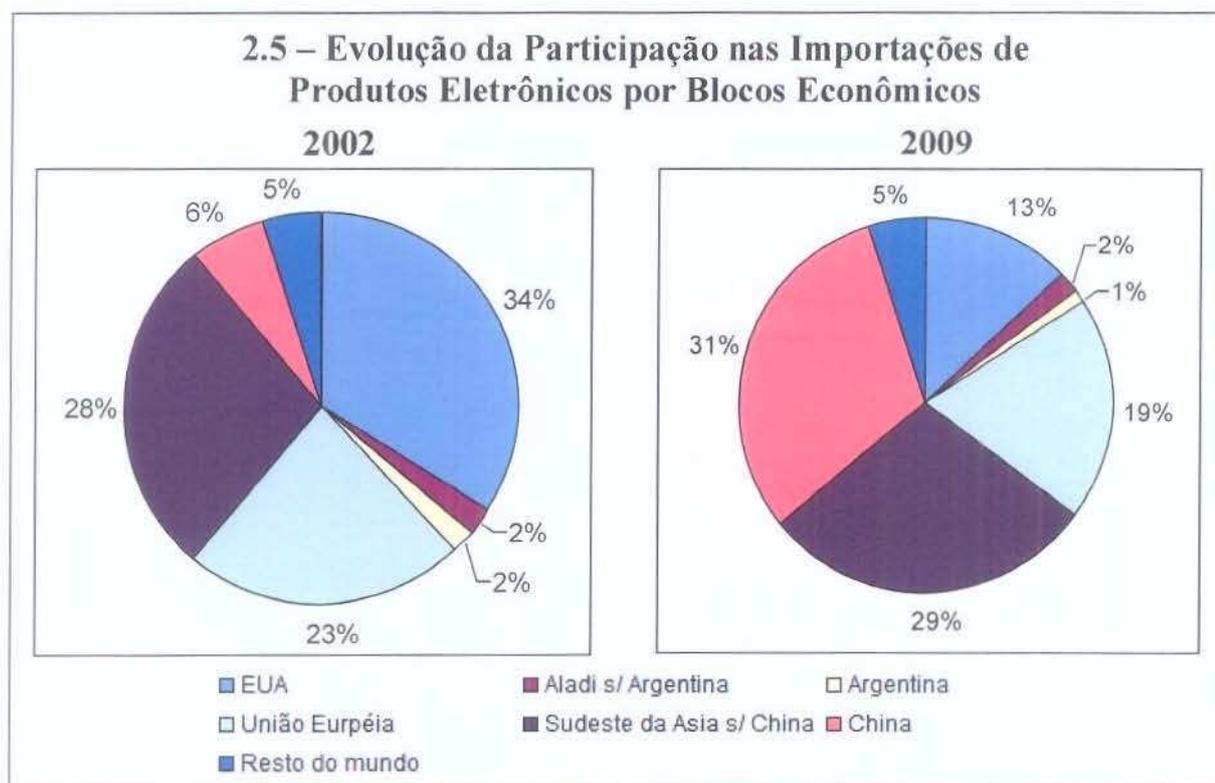
Fonte: Secex – Elaboração Própria

Notamos no quadro acima que apenas dois produtos aparecem entre os dez principais produtos importados pelo Brasil com origem chinesa nos três anos selecionado, são esses: Outras partes para aparelhos receptores, radiocoferência, televisão, etc. (NCM 85299020) e Dispositivos de cristais líquidos (NCM 90138010). Esta falta de continuidade na pauta de importação brasileira com relação a China ocorre principalmente devido ao dinamismo da principal indústria chinesa fornecedora de produtos ao Brasil, a indústria de eletro eletrônicos.

Nos três anos selecionados podemos verificar a dominância de produtos provenientes deste setor, apenas em 2000 o principal produto com origem chinesa importado pelo Brasil não era relacionado a indústria eletrônica. Esta indústria é composta pelas seguintes áreas: automação industrial, componentes elétrico eletrônicos, equipamentos industriais, GTD (geração, transmissão, e Distribuição de energia elétrica), informática, material elétrico de instalação, telecomunicações e utilidades domésticas eletrônicas.

No Brasil esta indústria obteve faturamento de R\$ 112 bilhões com déficit comercial de US\$ 17,5 bilhões em 2009. A participação das suas importações na pauta brasileira total foi de cerca de 20 %. Dentre as áreas citadas acima, a maior responsável pelo expressivo valor importado é a de componentes eletrônicos, que chega a cerca de 50% das importações do setor. A China em 2009 foi a origem de aproximadamente 31% das importações desta indústria, se tornando o principal parceiro comercial brasileiro neste setor.

Dentro dos demais produtos importados podemos verificar que as seguintes indústrias, química, têxteis e confecções, siderúrgicos, brinquedos e artigos de esporte e calçados também possuem participação relevante, acima de 1% na pauta. No gráfico 2.5 abaixo podemos verificar a evolução da China na origem das importações deste setor, em 2002 ela possuía participação na pauta de importação deste setor de apenas 6%, já em 2009 como citado acima essa participação chega a 31%.



Fonte: ABINEE

Conforme Anderson, este aumento chinês como fornecedor de produtos para a indústria elétrica e eletrônica brasileira é esperado. O crescimento espetacular das exportações chinesas no período recente, conforme demonstrado no capítulo 1, proporcionou também uma alteração estrutural na sua composição. Em 1995 as exportações do setor elétrico eletrônico correspondiam por cerca de 20% do total da pauta de exportação chinesa, em 2005 esse percentual alcança 42% (Anderson,2007). Essa evolução evidencia a consolidação da indústria chinesa de elétricos e eletrônicos como centro produtor desta cadeia neste novo milênio, especializada principalmente nas atividades intensivas em mão de obra com grande importação de bens intermediários.

Outro fato que podemos destacar observando o quadro 2.1 é a desconcentração da pauta de importação nacional proveniente da China. Em 2000 os 10 principais produtos importados eram responsáveis por 22,5% do total da pauta de importação, sendo que o principal bem importado, Coques de hulha, de linhita ou de turfa (NCM 27040010), obteve participação de 5,9%, já em 2009 os dez principais bens importados foram responsáveis por apenas 16,1% da pauta, queda de cerca de 6 pontos percentuais, e o principal produto importado neste ano, Outras partes para aparelhos receptores, radiodifusores, televisao, etc. (NCM 85299020) teve participação de 3%.

Uma característica importante das importações brasileiras oriundas da China é que cerca de 75% dos produtos adquiridos deste país correspondem por bens de capital, matérias-primas e intermediários, conforme a Agenda China parte II. Esta participação encontra-se em evolução, uma vez que em 2003 corresponderam por apenas 64%. Em comparação com a pauta brasileira como um todo notamos que a China possui maior participação no fornecimento de bens relacionados a produção nacional, em 2007 70% das importações nacionais foram voltados a produção interna, isto evidencia que apesar do volume importado da China ser alto, grande parte destes produtos adquire valor agregado pela indústria nacional antes de ser comercializado.

3 – Ameaça dos produtos chineses ao mercado brasileiro

3.1 – Ameaça ao mercado exportador brasileiro

A inserção internacional da economia brasileira vem conquistando, no período recente, expressivos superávits comerciais, puxados principalmente pelo aumento da exportação nacional de bens primários, que devido ao crescimento da economia mundial tiveram elevação tanto nas suas vendas como em seus preços. Podemos destacar dentro deste grupo de bens as commodities minerais, metálicas e agrícolas. Esses superávits têm contribuído para o acúmulo de reservas e redução da vulnerabilidade externa do país.

A China também vem apresentando consistente superavit comercial desde a década de 90. O seu saldo comercial positivo se destaca principalmente pelo superavit com a Triade (Japão, Estados Unidos e União Européia), proporcionado principalmente pelas elevadas escalas de produção chinesa devido ao dinamismo e tamanho de seu mercado interno e ao estabelecimento de uma taxa yuan/dólares fixa e subvalorizada, reduzindo assim os custos dos seus fatores de produção aumentando a competitividade de seus produtos no mercado mundial.

Para analisarmos se as exportações brasileiras estão sendo afetadas pelo aumento da participação da China no comércio mundial precisamos focar no mercado em que este país detém destaque mundial, ou seja, no mercado de produtos manufaturados. Segundo a UNCTAD em 1985 a pauta de exportação chinesa era composta 35% por produtos primários e 64% por produtos manufaturados, em 2008 esses percentuais passam para 7% e 93% respectivamente, demonstrando a evolução da China no mercado mundial de manufaturas. Desta forma se torna inevitável cogitar uma ameaça em relação a entrada de produtos manufaturados chineses nos mercados em que o Brasil é tradicional exportador desta classe de bens. (Sarti e Hiratuka, 2007).

A tabela 3.1 mostra, para o ano de 2009, as exportações brasileiras para mercados selecionados e a participação das exportações de manufaturados tanto no total exportado para cada região como no total de manufaturas exportadas pelo Brasil. Notamos que os principais mercados de manufaturas brasileiras são: Mercosul, Aladi exclusive México e Mercosul e Nafta, nos quais esse tipo de mercadoria corresponde

por mais de 50% da pauta de exportação. Agregando os valores exportados para estes 3 blocos econômicos verificamos que estes detêm cerca 55% do total de manufaturas exportadas pelo Brasil, assim focaremos nossas análises nestes 3 blocos.

3.1 - Exportações brasileiras para regiões selecionadas - Em bilhões US\$ FOB

Região	Exportações		Export. Manuf./ Export. Totais	Export. Manuf / Export. Total de Manuf Brasileira
	Totais	Manufaturados		
Mercosul	15.829	14.886	94,0%	22,1%
Aladi (*)	11.392	8.673	76,1%	12,9%
NAFTA	20.128	12.947	64,3%	19,2%
U.E.	34.037	13.680	40,2%	20,3%
Asia	39.426	5.354	13,6%	7,9%

(*) Exclusive Mercosul e México
Fonte: Secex – Elaboração própria

A primeira análise que realizaremos sobre estes 3 blocos econômicos selecionados, Mercosul, Aladi e Nafta, será a evolução do market share do Brasil e China nas importações totais para os anos de 2001, 2005 e 2009. Nesta análise podemos observar que a China vem ganhando participação em todos os mercados durante este período, conforme tabela 3.2.

3.2 - Market Share de Brasil e China nas importações totais da Aladi, Mercosul e Nafta - em %

Região	Brasil			China		
	2001	2005	2009	2001	2005	2009
Aladi	6,5	9,7	7,2	3,0	5,3	8,6
Mercosul	24,9	32,8	29,2	3,3	5,2	8,9
Nafta	1,1	1,3	0,9	3,8	8,0	11,6

Fonte: Intracen – Elaboração própria

Na tabela 3.2 vemos que o Brasil obteve um ganho de market-share, se compararmos 2001 com 2009, nas regiões do Mercosul e da Aladi, perdendo participação no mercado de importações apenas no Nafta, onde sua participação passou de 1,1% para 0,9%. Caso seja analisado apenas os 5 primeiros anos, os produtos brasileiros ganharam market share em todos os mercados, sendo o aumento mais expressivo verificado na Aladi, onde o aumento foi de aproximadamente 50 pontos percentuais.

Observando os dados da China verificamos que este país aumentou o seu market-share em todo o período analisado e para todas as regiões. Ultrapassou o market-share do Brasil na região da Aladi em 2009, se aproximou da participação brasileira nas importações provenientes do Mercosul, a diferença passou de 27,6 pontos percentuais em 2005 para 20,3 em 2009. E aumentou a diferença do market share no Nafta.

Em uma primeira análise sobre este cenário poderíamos constatar que realmente está ocorrendo uma ameaça dos produtos de exportação chinesa sobre os brasileiros, porém não podemos relacionar diretamente a perda de market share de um país ao ganho de outro.

Os estudos realizados pela consultoria Argentina Abeceb.com indicam que apesar das exportações nacionais estarem em crescimento para o Mercosul e termos uma posição consolidada como país exportador deste bloco econômico, as vendas de produtos chineses para os países desta região estão crescendo em um ritmo muito mais acelerado, chegando a tirar o posto do Brasil de fornecedor líder em alguns setores. Este estudo confirma o verificado na tabela 3.2, na qual podemos verificar o aumento constante do market-share chinês neste mercado enquanto Brasil contabiliza queda de 2009 em relação a 2005.

Outra análise que podemos realizar observando a tabela 3.2 é sobre a intensidade do ganho de market-share brasileiro e chinês. O crescimento do ganho de mercado da China mostra-se mais intenso que o do Brasil em todos os blocos econômicos. Os chineses aumentaram o seu market-share, comparando 2001 com 2009, em 187%, 170% e 205% para Aladi, Mercosul e Nafta respectivamente, enquanto o Brasil apresentou variação de 11%, 17% e -18%.

Porém, esta análise também não é conclusiva sobre a questão deste movimento ser ou não uma ameaça as exportações de produtos manufaturados brasileiros, uma vez que o ganho de mercado chinês pode estar ocorrendo em produtos e países diferentes aos auferidos pelo Brasil.

Fica evidente que as análises para a região do Nafta acabam sendo viesada devido a diferença de market share do Brasil e da China neste mercado. A participação máxima nas importações do Nafta que o Brasil atinge é de 1,3% em 2005 enquanto a china alcança 11,6% em 2009.

Para aprofundarmos o estudo sobre esta questão utilizaremos o indicador de similaridade de pauta nas importações provenientes de Brasil e China para as regiões selecionadas. Este índice será utilizado para verificarmos se as estruturas de exportação de manufaturados do Brasil e da China para os blocos selecionados estão em um movimento de aproximação, sendo definido por:

$$I_s = (1 - \frac{1}{2} * \sum |abrit - acnit|) * 100$$
, onde, para cada país importador, abrit representa participação das importações do produto i nas importações de produtos manufaturados do Brasil no período t, e acnit representa a participação do produto i nas importações de produtos manufaturados da China. Quanto mais próximo de cem for este índice quer dizer que as suas estruturas de exportação são mais parecidas, sendo que quando atingimos cem elas são exatamente iguais. Na tabela 3.3 podemos verificar a evolução deste índice. (Sarti e Hiratuka, 2007)

3.3 - Índice de similaridade das pautas de importação proveniente do Brasil e da China para os mercados selecionados 2001, 2005 e 2009.

Região	2001	2005	2009
Aladi	52,3	54,5	52,2
Mercosul	56,1	58,2	51,5
Nafta	46,7	44,2	38,0

Fonte: Intracen – Elaboração própria

A partir da análise dos índices acima identificamos uma queda na similaridade das pautas de importação em todas as regiões estudadas. Porém, podemos observar também, que para as regiões da Aladi e Mercosul em 2005 há um aumento no grau de similaridade das estruturas que não se mantem para 2009. Apenas o Nafta segue uma tendência de queda em todo o período.

Em uma comparação entre as regiões notamos que há um maior grau de similaridade na estrutura da Aladi, seguida pela do Mercosul e depois do Nafta. Nos mercados em que as pautas de importações são mais similares, há uma maior tendência de ocorrer concorrência entre produtos chineses e brasileiros para ganhos de

mercado, mas a queda da similaridade das estruturas pode nos levar a refletir se este movimento não está ocorrendo devido a uma substituição de fornecedores dos bens, do Brasil para a China.

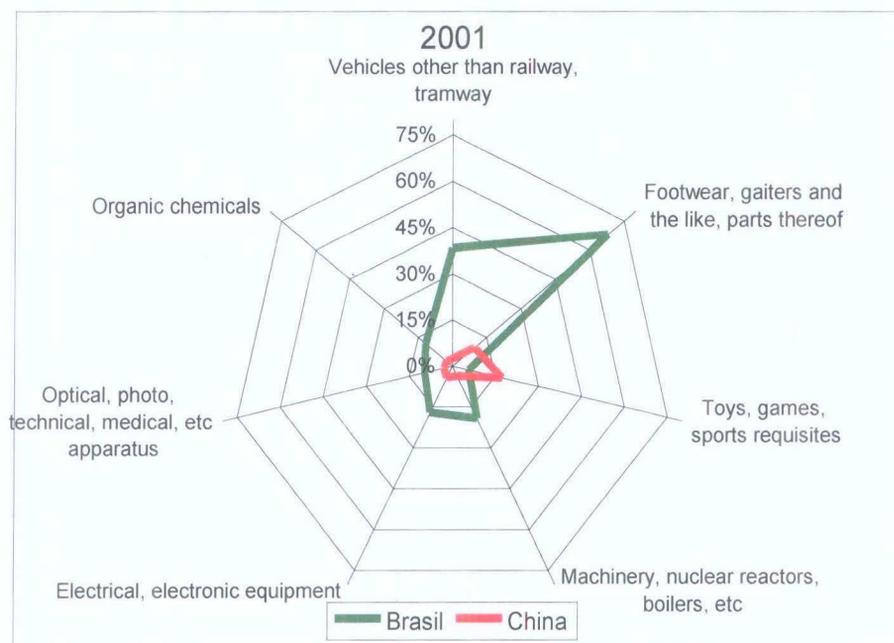
Refinando um pouco mais o estudo sobre as ameaças dos produtos chineses sobre as exportações nacionais aos seus principais mercados de manufaturas, realizaremos análise sobre alguns setores selecionados para cada região. A partir de dados do Intracen selecionamos alguns setores considerando a importância dos produtos na pauta de importação da região e participação do Brasil e da China como fornecedores destes bens aos blocos selecionados. Realizaremos a comparação de participação no mercado de 2001 com 2009.

Iniciaremos nossa análise setorial com enfoque no Mercosul. Para esta região selecionamos os seguintes setores: Vehicles other than railway, tramway (HS 87); Footwear, gaiters and the like, parts thereof (HS 64); Toys, games, sports requisites (HS 95); Machinery, nuclear reactors, boilers, etc (HS 84); Electrical, electronic equipment (HS 85); Optical, photo, technical, medical, etc apparatus (HS 90); e Organic chemicals (HS 29). De acordo com os gráficos 3.1 e 3.2 notamos que a China obteve ganhos de mercado em todos os setores selecionados menos no de brinquedos e jogos, com destaque para os ramos de calçados e similares, produtos eletrônicos e química orgânica que alcançam crescimento na participação de 10 pontos percentuais ou mais.

Para o Brasil podemos verificar queda do market share nesta região nos setores de calçados e similares (HS 64) e brinquedos e jogos (HS 95), sendo que o primeiro setor citado possuía posição de destaque em 2001 quando o Brasil fornecia cerca de 70% das importações destes bens. Já em 2009 essa participação caiu para 46%. No segundo setor mencionado, a perda de participação brasileira levou o país a pedir que fosse aumentada a tarifa de importação de brinquedos acabados para o Mercosul e diminuísse as tarifas sobre as peças e insumos utilizados em sua produção. A solicitação ainda está em negociação e tem que ser aprovada pelos demais países e pela OMC (Organização mundial de Comércio).

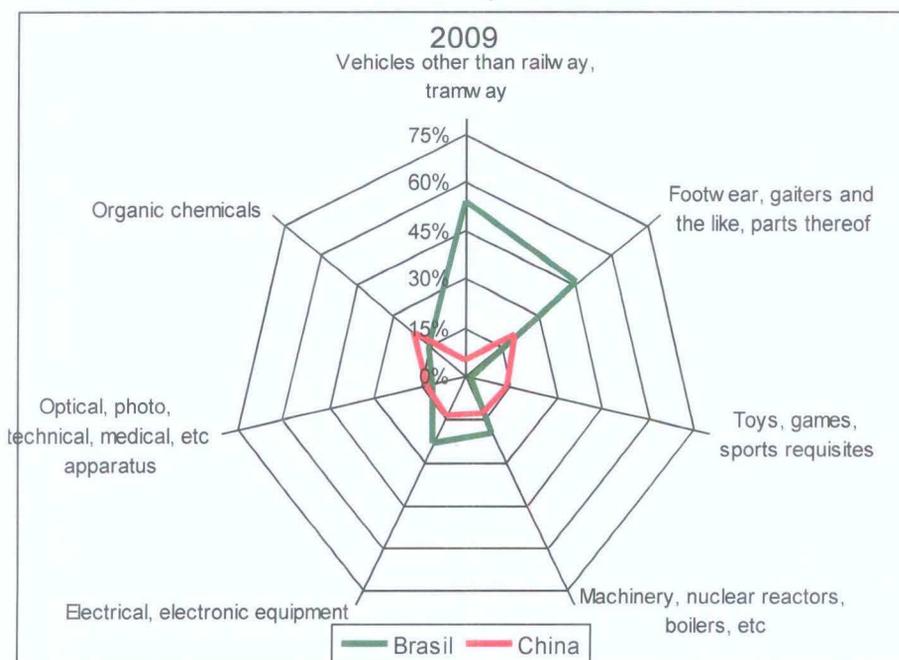
Para os demais setores identificamos que o Brasil obteve ganho de market share ou o mesmo manteve-se praticamente constante, sendo o principal aumento no setor de veículos que não sejam ferroviários ou elétricos.

3.1 – Market-Share de Brasil e China nas importações de setores selecionados do Mercosul, 2001



Fonte: Intracen – Elaboração Própria

3.2 – Market-Share de Brasil e China nas importações de setores selecionados do Mercosul, 2009



Fonte: Intracen Elaboração Própria

Constatamos também que a expansão da participação chinesa no geral ocorreu de maneira mais intensa que a brasileira, esta mudança fica evidente quando comparamos as áreas dos gráficos de cada país em 2001 com 2009. Para o Brasil é mais difícil percebermos o aumento da área, enquanto para a China esta variação é evidente. Conforme notícia do jornal Valor Econômico de 23 de novembro de 2010 alguns setores em que o Brasil perdeu espaço para a China nos mercados dos Estados Unidos e América Latina são pneus, calçados e brinquedos.

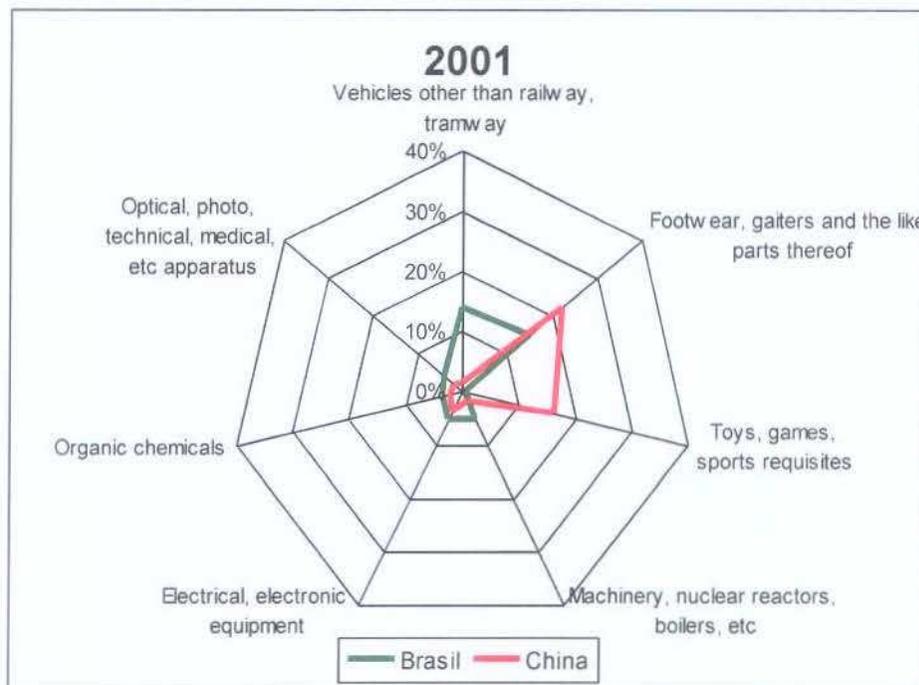
Na análise sobre o market-share brasileiro e chinês no mercado de importação da Aladi exclusive Mercosul e México selecionamos os mesmos setores que utilizamos no estudo do Mercosul.

Para esta região fica ainda mais evidente o ganho de espaço das mercadorias chinesas. Nos 7 setores analisados ocorreu ganho de market-share chinês, se compararmos 2001 com 2009, como pode ser observado nos gráficos 3.3 e 3.4. Em 3 setores o crescimento do market-share da china foi superior a 10 pontos percentuais, são eles: calçados e similares (HS 64), brinquedos, jogos e aparatos esportivos (HS 95) e equipamentos eletro-eletrônicos (HS 85).

A participação brasileira nas importações desta região sofreu retração em quatro setores; veículos exclusive ferroviários e elétricos (HS 87), calçados e similares (HS 64), brinquedos, jogos e aparatos esportivos (HS 95) e produtos óticos, fotos, aparatos médicos, etc (HS 90). Sendo a perda mais relevante no setor de calçados e similares, 6 pontos percentuais. Outro fato importante é que em nenhuma das indústria analisadas o Brasil obteve ganhos de espaço superior ao da China.

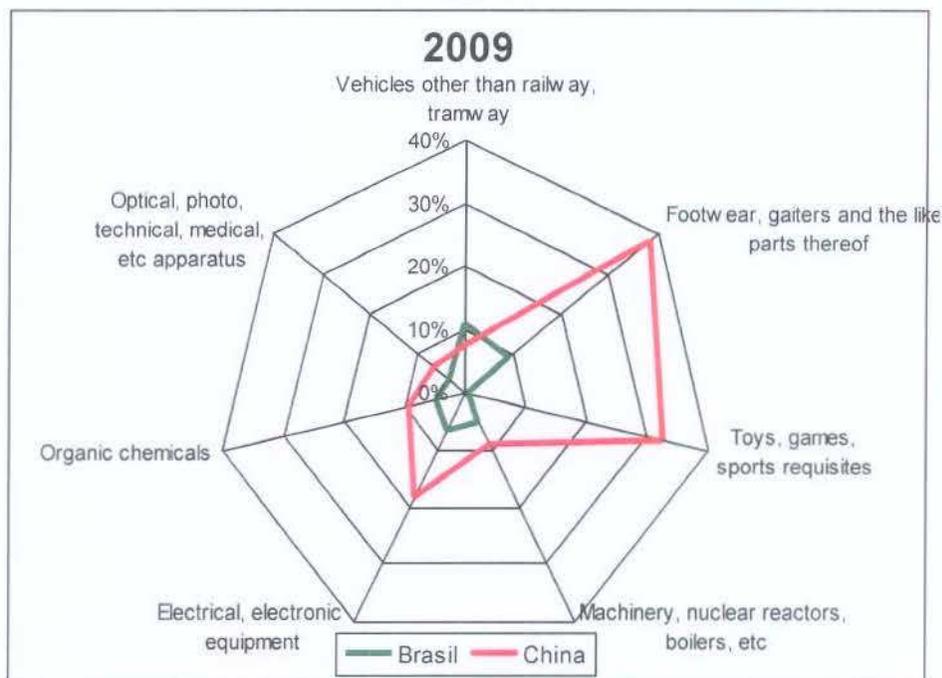
Assim como o observado para a Região do Mercosul, se compararmos as áreas dos gráficos de cada país para 2001 e 2009 fica clara a expansão superior dos produtos chineses nestes setores. Para o Brasil podemos notar uma retração de market share em relação a 2001, demonstrando que os ganhos nos setores de maquinaria, reatores nucleares, boilers, etc (HS 84), equipamentos eletro-eletrônicos (HS 85) e produtos químicos orgânicos (HS 29) não superaram a retração dos setores citados acima.

3.3 – Market-Share de Brasil e China nas importações de setores selecionados do Aladi, 2001



Fonte: Intracen – Elaboração própria

3.4 – Market-Share de Brasil e China nas importações de setores selecionados do Aladi, 2009



Fonte: Intracen – Elaboração própria

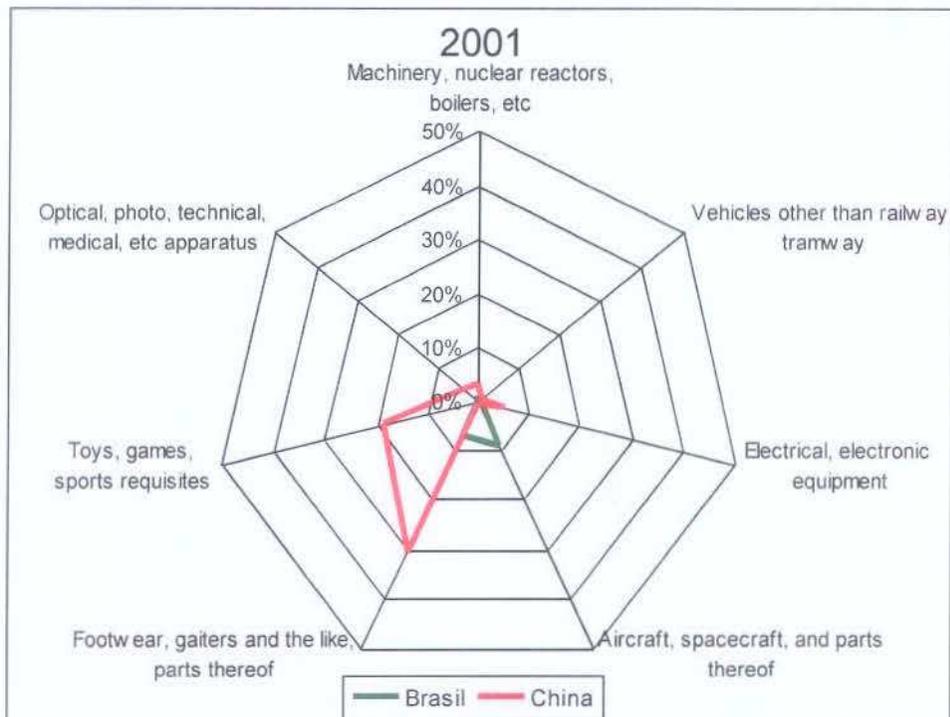
A análise sobre a região do Nafta deve sofrer uma ressalva já ressaltada anteriormente. A diferença de market-share nas importações deste bloco do Brasil e da China como pode ser observado na tabela 3.2 torna as comparações mais difíceis e menos reais, sendo que nesta tabela ainda estão incluídas as exportações de bens primários, mercado no qual a participação nacional é relativamente expressiva no mercado mundial. Com este cenário as diferenças de participação chinesa e brasileira nos setores selecionados são muito expressivas conforme gráficos 3.5 e 3.6.

Os setores para a análise desta região são os memos utilizados para Mercosul e Aladi substituindo apenas o setor de produtos químicos orgânicos (HS 29) pelo de aeronaves e partes integrantes (HS 88).

Neste bloco podemos verificar novamente que a China aumenta o seu market-share em todos os setores analisados, porém para esta região os ganhos são ainda mais expressivos. Os setores de maquinaria, reatores nucleares, etc (HS 84), calçados e similares (HS 64), equipamentos eletro-eletrônicos (HS 85) e brinquedos, jogos e aparatos esportivos (HS 95) obtiveram crescimento de 17, 16, 14 e 13 pontos percentuais respectivamente se compararmos a participação chinesa de 2001 com 2009.

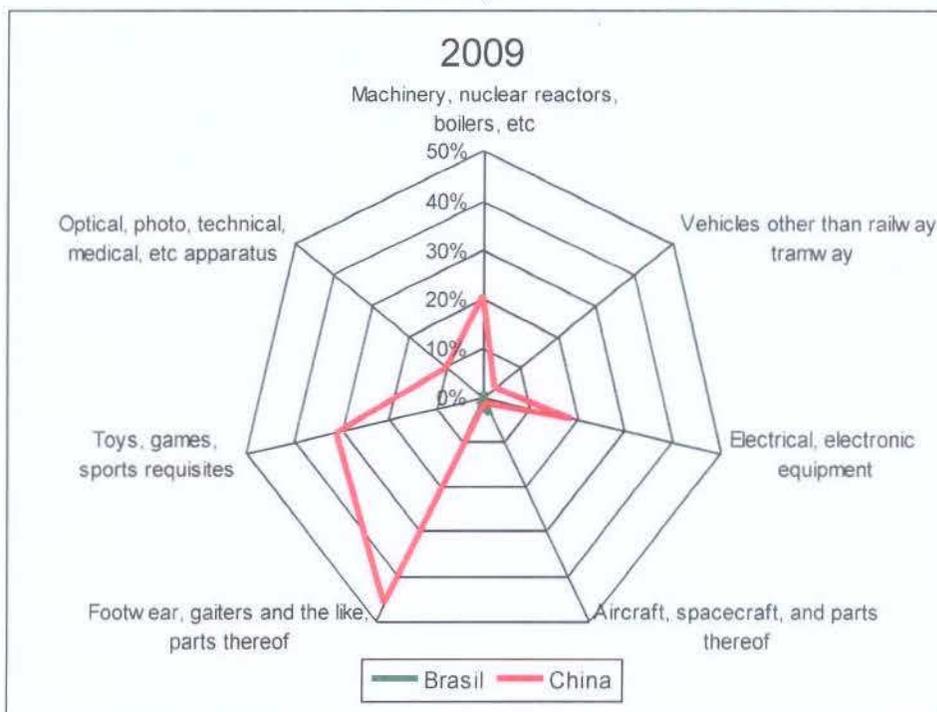
O market-share brasileiro para estes setores não são expressivos. Apenas no setor de aviões e partes integrantes (HS 88) a participação brasileira no mercado de importação do Nafta supera os 2% em 2009. No ano de 2001 poderíamos somar a este setor o de calçados e similares no qual o Brasil possuía market-share 7%. Nos gráficos 3.5 e 3.6 podemos verificar a diferença de espaço nestes mercados entre Brasil e China.

3.5 – Market-Share de Brasil e China nas importações de setores selecionados do Nafta, 2001



Fonte: Intracen – Elaboração Própria

3.6 – Market-Share de Brasil e China nas importações de setores selecionados do Nafta, 2009



Fonte: Intracen – Elaboração Própria

Identificamos claramente o aumento do market-share chinês nas importações dos setores selecionados do Nafta de 2009 em relação a 2001, assim como a diminuição da participação brasileira que se torna praticamente nula no gráfico 3.6. Conforme notícia do jornal Valor Econômico de 23 de novembro de 2010:

“Dados divulgados pela Confederação nacional da indústria (CNI) revelam que a China distanciou-se ainda mais na participação nas compras dos EUA. Fechou 2009 com 16,92%, enquanto os fornecedores brasileiros ficaram com apenas 1,46%.”

Diante do cenário exposto, apesar de não podermos realizar uma ligação direta entre a perda de market-share brasileiro com o ganho chinês, fica evidente a ameaça dos produtos manufaturados chineses nos mercados tradicionais do Brasil.

3.2 – Ameaça à indústria nacional

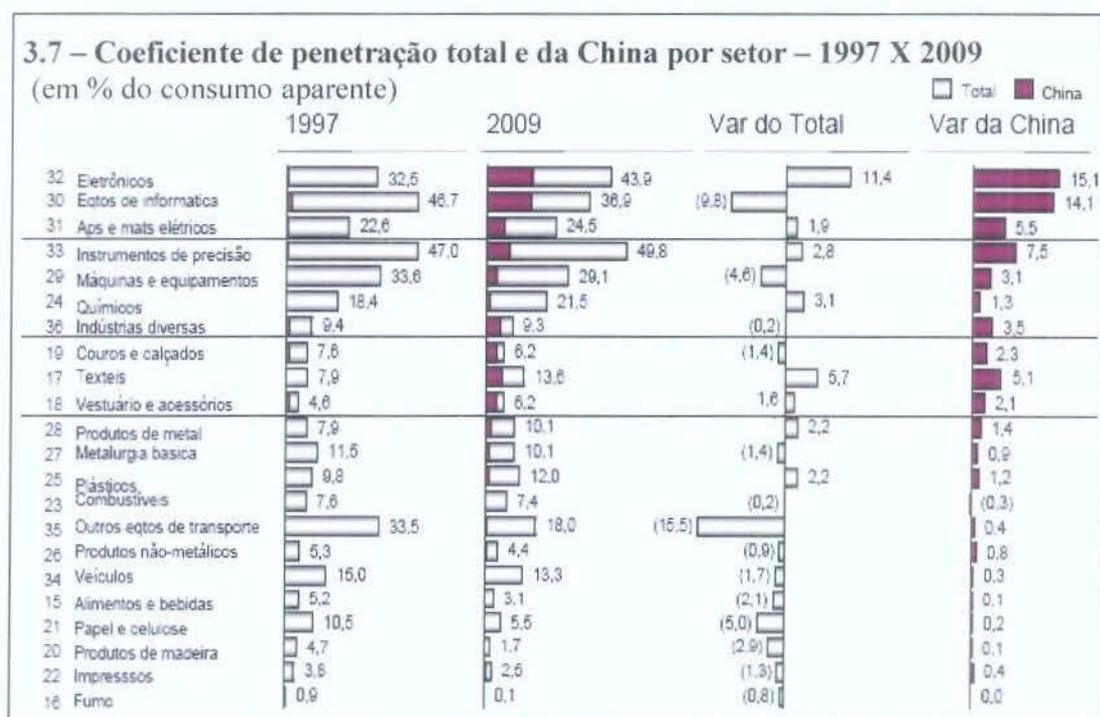
Outra análise pertinente a se realizar, além da realizada acima sobre as ameaças chinesas ao mercado de exportação de manufaturados brasileiros, é sobre as consequências para a indústria nacional com a crescente entrada de produtos chineses. As importações oriundas deste país passaram de US\$ 1,2 bilhão em 2000 para US\$ 15,9 bilhões em 2009, como pode ser verificado no gráfico 2.4, alcançando o posto de segundo maior fornecedor de bens ao Brasil atrás somente dos EUA. A preocupação com essa invasão de produtos chineses pode ser verificada no trecho da nota da FIESP:

“A indústria brasileira, em especial, tem sido gravemente atingida. As importações provenientes da China avançam cada dia mais sobre o nosso mercado, substituindo bens nacionais, inclusive intermediários”

Neste item nos atentaremos principalmente a indústria nacional de bens industrializados, uma vez que, como verificado no gráfico 2.4, cerca de 85% da pauta brasileira de importação chinesa é composta por este tipo de produto. Sendo assim, as indústrias produtoras destes bens teriam maior potencial para sofrer com a entrada dos produtos oriundos da China. Em 2009 cerca de 60% dos produtos importados deste país estavam ligados equipamentos de comunicação e eletrônicos, além de

aproximadamente 25% serem máquinas para escritório e equipamentos para informática.

Caminhando para uma análise mais a fundo sobre a entrada dos produtos chineses no Brasil, verificaremos o coeficiente de penetração na economia nacional tanto da China como do total importado para os setores da indústria de transformação. Entende-se por coeficiente de penetração a porcentagem do consumo aparente do Brasil de determinado setor que é atendido por importações, no gráfico 3.1 podemos observar a evolução deste entre 1997 e 2009.



Fonte: COMTRADE e IBGE; elaboração Fiesp

Como podemos observar no gráfico 3.1 a China aumentou o seu coeficiente de penetração na indústria brasileira em todos os setores menos no de combustíveis que apresentou variação negativa, -0,3 pontos percentuais, e no de fumo que obteve variação igual a zero. Porém nos outros 20 setores analisados este país ganhou participação no consumo aparente em relação a 1997. Mais uma vez podemos destacar os setores de eletrônicos (CNAE 32) e equipamentos de informática (CNAE 30), nos quais as importações chinesas chegam a suprir cerca de 15% do consumo aparente.

Analisando a evolução do coeficiente de penetração total nestes setores o panorama se altera um pouco, dos 22 setores analisados apenas 8 obtiveram, em 2009, maior parcela do seu consumo aparente fornecido por bens produzidos fora do Brasil do que em 1997. Sendo o setor com maior variação positiva o de eletrônicos, mesmo sem poder realizar uma ligação direta entre o aumento do coeficiente de importação total do setor com o aumento do coeficiente da China, a ameaça a esta indústria se torna potencial.

Outros setores que merecem destaque são: Couros e calçados (CNAE 19), Textéis (CNAE 17), Vestuário e acessórios (CNAE 18) e indústria diversas (CNAE 36), em que as importações da China representam mais de 50% do coeficiente de penetração total do setor, demonstrando a força deste país como fornecedor destes mercados e a possível ameaça dos produtos oriundos deste país para a indústria nacional.

A última análise que realizaremos sobre o gráfico 3.1 se dará sobre os setores nos quais ocorreram diminuição do coeficiente de penetração total e aumento do coeficiente chinês ou aumento em ambos, sendo o crescimento chinês mais intenso. Este cenário pode ser verificado nas indústrias de equipamentos de informática (CNAE 30), máquinas e equipamentos (CNAE 29), materiais elétricos (CNAE 31), entre outros. Nestes setores também devemos nos atentar a entrada de produtos chineses, uma vez que este movimento demonstra ganho de mercado deste país, o que pode se tornar uma ameaça ao setor.

3.4 - Importações oriundas da China e Coeficiente de penetração na indústria de transformação.

CNAE	Descrição	Importação			Coeficiente de penetração	
		US\$ MM	Participação 2009	Part. Acumulada	Média 2002-2009	2009
32	Eletrônicos	3.424	23%	23%	10	16,1
30	Equipamentos de informática	1.489	10%	33%	10,2	15,9
31	Materiais elétricos	1.321	9%	42%	4	6,1
33	Instrumentos de precisão	761	5%	47%	6,9	8,4
17	Têxteis	850	6%	52%	3,2	5,5
29	Máquinas e equipamentos	1.855	12%	65%	2	3,5
24	Químicos	1.618	11%	75%	1,2	1,5
36	Indústrias diversas	596	4%	79%	3,3	5,1
19	Couros e calçados	395	3%	82%	3	3,9
18	Vestuário e acessórios	442	3%	85%	2,1	3,8
25	Borracha e plástico	388	3%	88%	0,8	1,4
27	Meturgia Básica	592	4%	91%	0,7	1
28	Produtos de metal	408	3%	94%	1	1,7
34	Veículos	218	2%	96%	0,1	0,3
35	Outros equip. de transporte	199	1%	97%	0,9	0,7
26	Minerais não-metálicos	175	1%	98%	0,7	0,9
15	Produtos alimentícios e bebidas	140	1%	99%	0,1	0,1
21	Celulose e papel	61	0%	99%	0,1	0,3
22	Impressos	61	0%	100%	0,2	0,4
20	Produtos de madeira	17	0%	100%	0,2	0,3
23	Combustíveis	16	0%	100%	0,4	0
16	Produtos do fumo	0	0%	100%	0	0
Total		15.026	100%			

Fonte: COMTRADE e IBGE; elaboração Fiesp

Na tabela 3.5 podemos observar as indústrias de transformações mais afetadas pela entrada de produtos chineses levando em conta tanto o coeficiente de penetração quanto o valor importado pelo setor. Assim como o verificado na seção sobre as ameaças às exportações de manufaturados brasileiras, os setores mais afetados são os de eletrônicos, equipamentos de informática, materiais elétricos, máquinas e equipamentos, têxtil e químicos.

Conforme notícia do jornal Valor Econômico do dia 23/11/2010 a China é mais competitiva nestes mercados por um fator conjuntural, constituído pela manipulação da taxa de câmbio, mantendo a mesma sempre desvalorizada e mão de obra barata, estes fatores garantem a alta competitividade internacional dos produtos

chineses e sua entrada agressiva em praticamente todos os mercados nos quais os bens sejam intensivos em mão de obra.

Constatamos na tabela 3.5 que o coeficiente de penetração em 2009 é superior a média de 2002 até 2009 nas 14 primeiras indústrias da tabela, isso também demonstra a tendência de aumento da inserção dos produtos chineses na economia nacional, em 2009 16,1% do consumo aparente nacional de eletrônicos foi suprido por produtos chineses.

Este panorama nos permite verificar a crescente entrada de produtos chineses na economia nacional que, em determinados setores, vem tendo seu consumo aparente crescentemente atendido por estes produtos. Isto nos leva a visualizar uma ameaça deste país a determinadas indústrias nacionais, principalmente as intensivas em mão de obra e as dependentes de escala, nas quais a China detem claras vantagens competitivas.

Conclusão

A China vem exercendo, no período recente, efeitos positivos para a indústria nacional de exportação de produtos básicos, tanto devido ao aumento do volume importado, a China se tornou em 2008 o terceiro principal mercado brasileiro, quanto pelo aumento dos preços das commodities proporcionados pela demanda extremamente alta deste país.

Entretanto, a crescente inserção chinesa no mercado internacional verificada no gráfico 1.2 está ocorrendo também nos mercados de exportação de manufaturados brasileiros mais tradicionais, MERCOSUL, NAFTA e ALADI exclusive MERCOSUL e México. O market-share chinês cresceu de maneira significativa em todas essas regiões, já o brasileiro apresentou crescimento muito menos expressivo, sendo ainda verificada uma redução na região do NAFTA.

Neste cenário, juntamente com a análise sobre o índice de similaridade e as participações nas importações em determinados setores, constatamos uma crescente ameaça dos produtos chineses, principalmente nas indústrias de manufaturados intensivos em mão-de-obra e/ou dependentes de escala, como o setor de máquinas e equipamentos.

Em relação à indústria nacional, a entrada de produtos chineses também é preocupante. O consumo aparente nacional nos setores de manufaturados, como o de equipamentos elétricos e máquinas e equipamentos, está sendo cada vez mais atendido por produtos oriundos da China.

Nesse contexto, temos que a relação comercial sino-brasileira pode constituir tanto uma oportunidade como uma ameaça à economia brasileira. Verificamos, com base nas exportações brasileiras de produtos básicos e na importação de manufaturados chineses, que essa relação, somada ao papel crescente que a China vem desempenhando na economia mundial, são preocupantes e constituem uma ameaça real ao setor de manufaturados brasileiro.

Diante dessa constatação, fica evidente a necessidade de ações e estratégias da indústria brasileira intensiva em tecnologia, no sentido de encontrar meios de atenuar a competição direta com os produtos chineses, em prol de seu crescimento e desenvolvimento.

Referência Bibliográfica

MEDEIROS, C. A. **O Ciclo Recente de Crescimento Chinês e seus Desafios.** Disponível em: www.sep.org.br/artigo/1933_b42a330c2adbf5ab6112e87a66cae488.pdf. Acesso em: 2 de julho de 2010.

SARTI, F. ;HIRATUKA, C. **Ameaça das exportações chinesas nos mercados de exportação de manufaturados do Brasil.** Disponível em:<www.econeit.org/arquivos/10%20DEZ%202007.pdf>. Acesso em: 2 de julho de 2010.

SARTI, F. ; HIRATUKA, C. **Ameaça das exportações chinesas nos mercados de exportação de manufaturados do Brasil: Análise Setorial.** Disponível em:<www.eco.unicamp.br/Downloads/publicacoes/neit/Boletim_NEIT_12.pdf>. Acesso em: 2 de julho de 2010.

MACHADO, J. B. M. ; FERRAZ, G. T. **Comércioexternoda China e efeitosobre as exportaçõesbrasileiras.** Disponível em: <<http://www.eclac.org/cgiin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/2/22362/P22362.xml&xsl=/brasil/tpl/p9f.xsl&base=/brasil/tpl/top-bottom.xsl>>. Acessoem: 30 de junho de 2010.

BAUMANN, R. **Some recent features of Brazil-China Economic Relations.** Disponível em: <<http://www.eclac.org/publicaciones/xml/5/35745/LCBRSR209RenatoBaumannSome.pdf>>Acessoem: 30 de junho de 2010.

UNCTAD, **United Nations Conference on Trade and Development.** Disponível em: <<http://stats.unctad.org/Handbook/TableViewer/tableView.aspx>>Acessoem: 2 de julho de 2010.

IMF, International Monetary Fund. Disponível em: <<http://www.imf.org/>>

external/pubs/ft/weo/2010/01/weodata/weorept.aspx?sy=2000&ey=2009&scsm=1&ssd=1&sort=country&ds=%2C&br=1&pr1.x=59&pr1.y=19&c=924&s=NGDP_RPCH%2CNGDPD%2CNGDPDPC%2CBCA&grp=0&a=> Acesso em: 2 de julho de 2010.

INTRACEN, **International Trade Center**. Disponível em: < <http://www.intracen.org/menus/countries.htm>.

MDIC, **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior**. Disponível em: < <http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/index.php?area=5>>

DICK, P. **A Parceria Estratégica Entre Brasil e China: A Contribuição da Política Externa Brasileira (1995-2005)**. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8089>>

DECOMTEC, Departamento de Competitividade e Tecnologia. **Análise da Penetração das Importações Chinesas no Mercado Brasileiro, 24 de julho de 2010**. Disponível em: <http://www.fiesp.com.br/competitividade/downloads/fiesp%20penetra%C3%A7%C3%A3o%20dos%20produtos%20chineses%20no%20mercado%20brasileiro%20110414.pdf>

MEDEIROS, C. A. **A China como um Duplo Pólo na Economia Mundial e a Recentralização da Economia Asiática**. Disponível em: < http://www.ie.ufrj.br/eventos/seminarios/pesquisa/a_china_como_um_duplo_polo_na_economia_mundial.pdf>

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

CE 804 – Monografia II

Caracterização e evolução recente do comércio entre Brasil e China e suas ameaças

Orientador Prof. Dr. Fernando Sarti

Aluno Ricardo Chatagnier Borges Perez

Campinas, Dezembro de 2010

Estrutura da apresentação

- Introdução ao tema
- Problema
- Estruturação do trabalho
- Hipótese
- Principais resultados
- Conclusões

Introdução ao tema

Crescente internacionalização e desenvolvimento da economia chinesa.

Desenvolvimento do comércio bilateral entre Brasil e China.

Entrada dos produtos chineses tanto no mercado nacional como no mercado de exportação brasileiro

Pontos positivos e negativos do crescimento da relação bilateral para o Brasil

Problema

A crescente inserção de produtos chineses se tornar uma ameaça à indústria nacional, tanto no mercado interno de manufaturas como nas exportações nacionais destes produtos.

Estruturação do Trabalho

Capítulo 1: análise do desempenho recente da economia chinesa com ênfase em sua inserção no comércio mundial

Capítulo 2: caracterização da relação bilateral entre Brasil e China

Capítulo 3: análise da entrada dos produtos chineses nos mercados de exportação de manufaturados brasileiros e no mercado nacional.

Hipótese

Os produtos chineses se caracterizam como uma ameaça à indústria nacional de manufaturados.

Principais resultados – Capítulo 1

- Desempenho da economia chinesa:

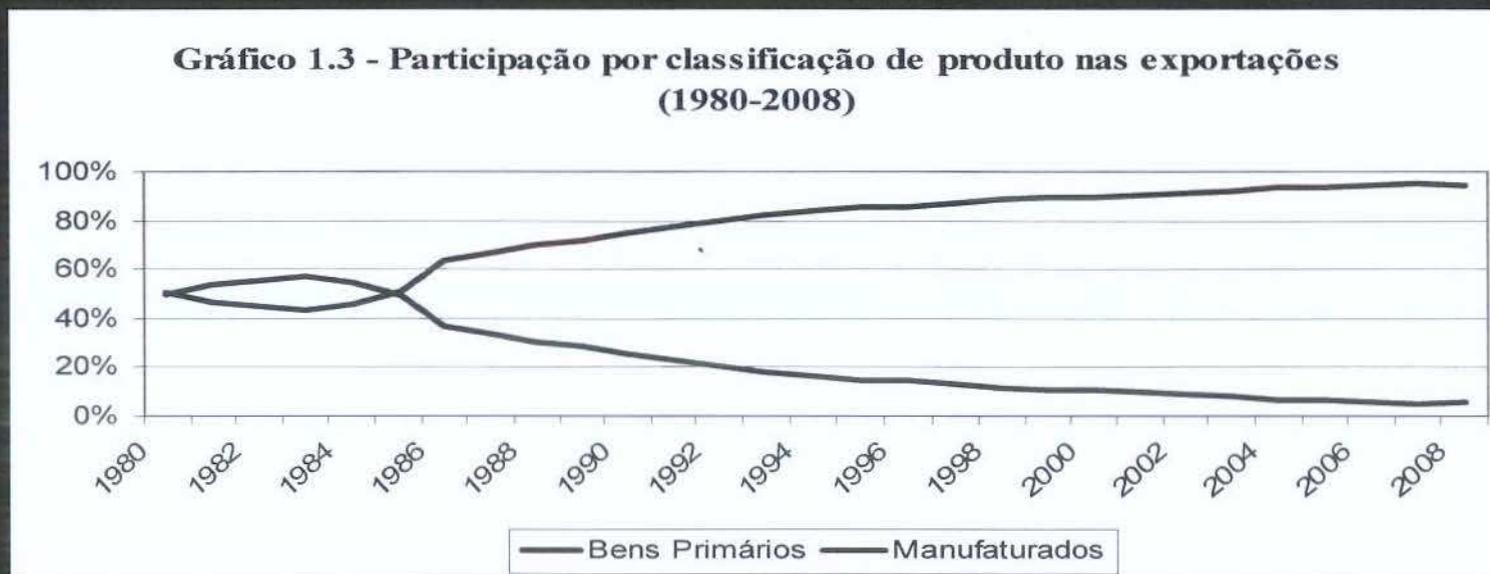
Tabela 1.2 - Contribuição por Componente do PIB em pontos percentuais (2000 - 2008)

Ano	Consumidor		Exportações	Crescimento
	Final	FBKF		GDP - em %
2000	5,5	1,9	1	8,4
2001	4,1	4,2	0	8,3
2002	4	4,4	0,7	9,1
2003	3,5	6,4	0,1	10
2004	3,9	5,6	0,6	10,1
2005	4	3,9	2,5	10,4
2006	4,5	4,9	2,2	11,6
2007	5,3	5,1	2,6	13
2008	4,1	4,1	0,8	9

Fonte: National Bureau of Statistics of China - Elaboração Própria

Principais resultados – Capítulo 1

- Crescimento do fluxo de comércio chinês.
- Concentração das exportações em manufaturados.



Fonte: National Bureau of Statistics of China - Elaboração Própria

Principais resultados – Capítulo 2

Relação comercial significativa a partir de 2001.

Tabela 2.1 - Participação chinesa na corrente comercial brasileira e colocação no ranking

Ano	Participação chinesa na corrente comercial brasileira	Colocação no ranking de parceiros brasileiro
1990	1,1%	22º
1995	2,3%	11º
2000	2,1%	11º
2005	6,3%	3º
2009	13,2%	1º

Fonte: SECEX - Elaboração própria

Principais resultados – Capítulo 2

Exportações brasileiras à China concentradas em produtos básicos com tendência a intensificação deste cenário



Importação brasileira oriunda da China concentrada em manufaturados.



Principais resultados – Capítulo 3

Ameaça chinesa nos principais mercados de exportação de manufaturados nacionais: MERCOSUL, ALADI exclusive MERCOSUL e México e NAFTA.

Market-Share:

3.2 - Market Share de Brasil e China nas importações totais da Aladi, Mercosul e Nafta - em %

Região	Brasil			China		
	2001	2005	2009	2001	2005	2009
Aladi	6,5	9,7	7,2	3,0	5,3	8,6
Mercosul	24,9	32,8	29,2	3,3	5,2	8,9
Nafta	1,1	1,3	0,9	3,8	8,0	11,6

Fonte: Intracen – Elaboração própria

Principais resultados – Capítulo 3

Índice de similaridade das pautas:

3.3 - Índice de similaridade das pautas de importação proveniente do Brasil e da China para os mercados selecionados 2001, 2005 e 2009.

Região	2001	2005	2009
Aladi	52,3	54,5	52,2
Mercosul	56,1	58,2	51,5
Nafta	46,7	44,2	38,0

Fonte: Intracen – Elaboração própria

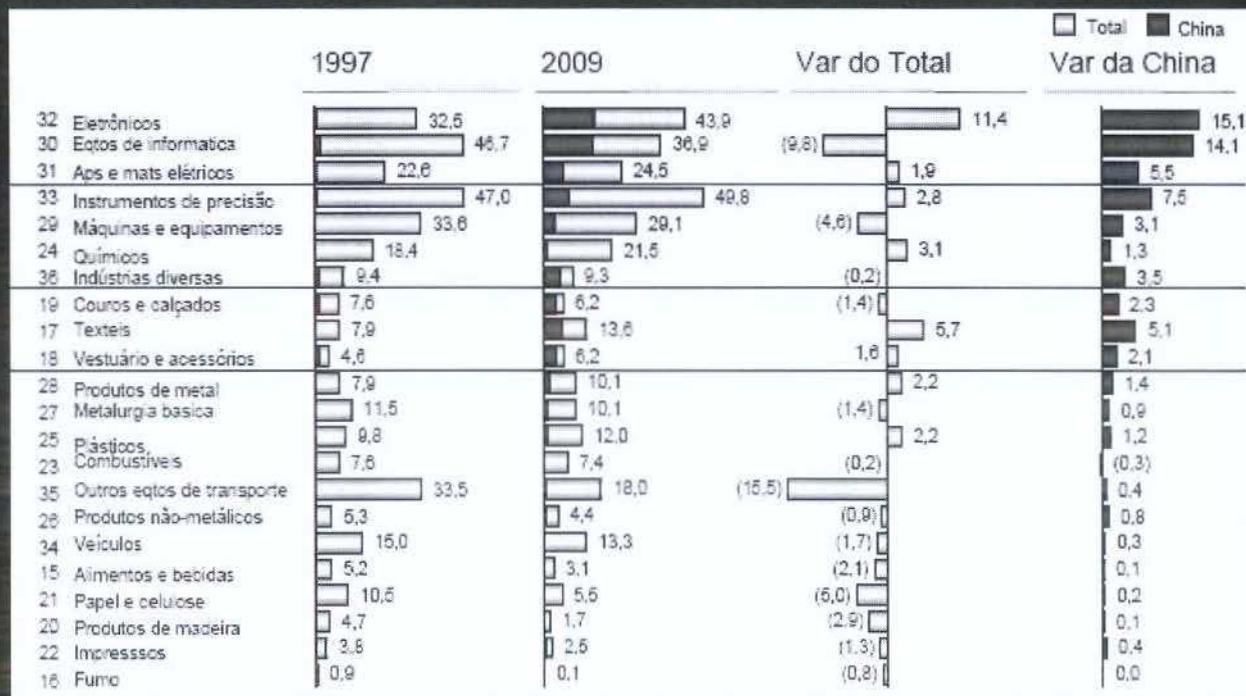
Principais resultados – Capítulo 3

- Crescente ameaça dos produtos chineses à indústria nacional de manufaturados.

- Aumento do coeficiente de penetração:

3.4 – Coeficiente de penetração total e da China por setor – 1997 X 2009

(em % do consumo aparente)



Conclusões

Conseqüências para o Brasil do desenvolvimento e maior inserção mundial da China:

- Indústria básica: crescente demanda por produtos básicos provenientes do Brasil e alta dos preços das commodities mundiais devido a sua alta demanda.
- Indústria de manufaturados: ameaça tanto no mercado interno com a entrada de produtos chineses, quanto no mercado exportador brasileiro. Principal fator de concorrência -> PREÇO.

Necessidade de ações estratégicas da indústria brasileira intensiva em tecnologia para atenuar a competição direta com a China